



INVENÇÕES EM UM CADERNO DOCENTE:

MOVIMENTOS AFETIVOS

DE PESQUISA E DOCÊNCIA

FERNANDA XAVIER VARELLA

ORIENTADOR: CRISTIAN POLETTI MOSSI

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Fernanda Xavier Varella

**INVENÇÕES EM UM CADERNO DOCENTE:
MOVIMENTOS AFETIVOS DE PESQUISA E DOCÊNCIA**

Porto Alegre
2021

Fernanda Xavier Varella

INVENÇÕES EM UM CADERNO DOCENTE: MOVIMENTOS AFETIVOS DE PESQUISA E DOCÊNCIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi

Linha de Pesquisa: Arte, Linguagem e Currículo

Porto Alegre
2021

CIP - Catalogação na Publicação

Varella, Fernanda Xavier
Invenções em um caderno docente: Movimentos
afetivos de pesquisa e docência / Fernanda Xavier
Varella. -- 2021.
113 f.
Orientador: Cristian Poletti Mossi.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. afeto. 2. invenção. 3. caderno docente. 4.
pandemia de Covid-19. 5. movimentos de pesquisa e
docência.. I. Mossi, Cristian Poletti, orient. II.
Título.

Fernanda Xavier Varella

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi – UFRGS – Orientador

Prof^ª. Dr^ª. Alice Copetti Dalmaso – UFSM

Prof. Dr. Rodrigo Lages e Silva – UFRGS

Prof^ª. Dr^ª. Luciana Paludo – UFRGS

Porto Alegre
2021

Ao querido Christian Polletti Rossi,
pela abertura às possibilidades de dizer do mundo
de outra forma;

Aos colegas May, Thai, Licky, Ari, Gus e
Jlana, pela construção de um ninho fértil e acolhedor;

A família, pelas lições de amor, gen-
tiliza e resiliência;

Ao Dani, por se fazer abrigo em dias
de chuva.

"Ao invés de fundamento, o sujeito deve ser entendido, ele mesmo, como efeito do processo de criação". (KASTRUP, 2007, p.60)

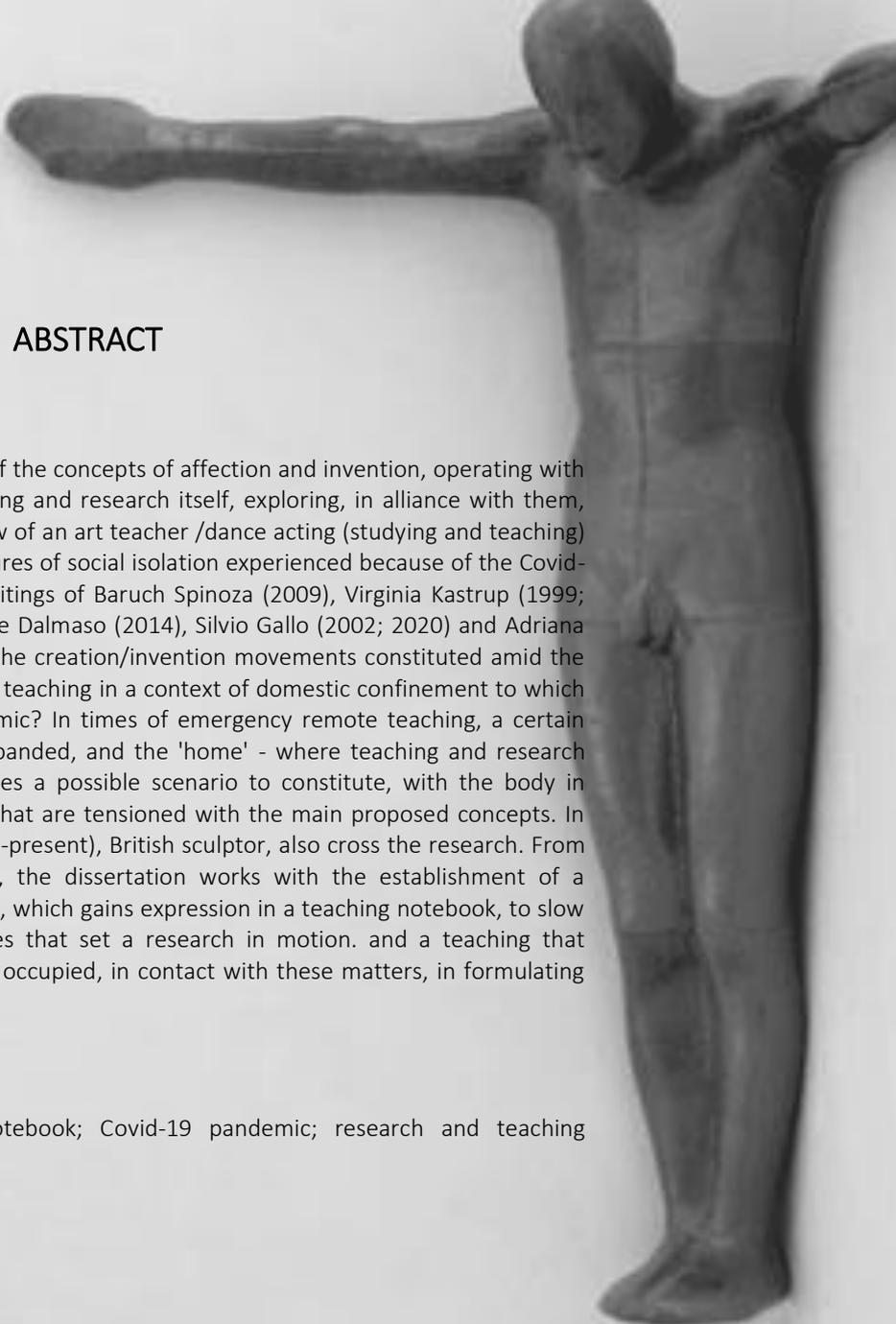


RESUMO

Esta dissertação se propõe a compor com traços dos conceitos de afeto e invenção, operando com recortes de cenas vivenciadas em torno da docência e da própria pesquisa, explorando, em aliança com elas, movimentações investigativas a partir do ponto de vista de uma professora de arte/dança atuando (estudando e lecionando) em confinamento em sua casa, por consequência das medidas de isolamento social vivenciadas em função da pandemia de Covid-19. Buscando dialogar com os escritos de Baruch Spinoza (2009), Virginia Kastrup (1999; 2001; 2016), Cristian Poletti Mossi (2020), Alice Dalmaso (2014), Silvio Gallo (2002; 2020) e Adriana Azevedo (2011), propõe-se o questionamento: *Como se constituem os movimentos de criação/invenção em meio aos afetos que reverberam entre pesquisa e docência em um contexto de confinamento doméstico a que estamos submetidos em função da pandemia de Covid-19?* Em tempos de ensino remoto emergencial, certa noção prévia de 'ambiente escolar' se amplia, e a 'casa' - onde docência e pesquisa passam a conciliar ações e papéis - passa a ser um cenário possível para constituir, com o corpo em isolamento, um plano de onde emergem cenas que são tensionadas com os principais conceitos propostos. Nesse sentido, as obras de Antony Gormley (1950-atual), escultor britânico, também atravessam a pesquisa. Do ponto de vista operativo-metodológico, a dissertação trabalha com a instauração de um plano de composição (DELEUZE E GUATTARI, 1997), que ganha expressão em um caderno docente, para desacelerar afetos, cenas, conceitos e imagens que colocam em movimento uma pesquisa e uma docência que efetiva tal dissertação, a qual ocupou-se mais, no contato com essas matérias, em formular questões, que oferecer respostas.

Palavras-chave: afeto; invenção; caderno docente; pandemia de Covid-19; movimentos de pesquisa e docência.





ABSTRACT

This dissertation proposes to compose traces of the concepts of affection and invention, operating with clippings of scenes experienced around teaching and research itself, exploring, in alliance with them, investigative movements from the point of view of an art teacher /dance acting (studying and teaching) in confinement at home, because of the measures of social isolation experienced because of the Covid-19 pandemic. Seeking to dialogue with the writings of Baruch Spinoza (2009), Virginia Kastrup (1999; 2001; 2016), Cristian Poletti Mossi (2020), Alice Dalmaso (2014), Silvio Gallo (2002; 2020) and Adriana Azevedo (2011), proposes question: How are the creation/invention movements constituted amid the affects that reverberate between research and teaching in a context of domestic confinement to which we are subjected due to the Covid-19 pandemic? In times of emergency remote teaching, a certain previous notion of 'school environment' is expanded, and the 'home' - where teaching and research come to reconcile actions and roles - becomes a possible scenario to constitute, with the body in isolation, a plane from which scenes emerge that are tensioned with the main proposed concepts. In this sense, the works of Antony Gormley (1950-present), British sculptor, also cross the research. From an operational-methodological point of view, the dissertation works with the establishment of a composition plan (DELEUZE E GUATTARI, 1997), which gains expression in a teaching notebook, to slow down affections, scenes, concepts and images that set a research in motion. and a teaching that implements this dissertation, which was more occupied, in contact with these matters, in formulating questions, than offering answers.

Keywords: affection; invention; teaching notebook; Covid-19 pandemic; research and teaching movements.

LISTA DE FIGURAS*

Capa: Antony Gormley, <i>Drawn</i> (2000). Fonte: < https://www.antonygormley.com/show/item-view/id/2117/type/solo#p1 >.....	1
Agradecimento: acervo pessoal da pesquisadora.....	5
Foto do caderno docente/de pesquisa: acervo pessoal da pesquisadora.....	6
Resumo: Antony Gormley, <i>Drawn</i> (2000). Fonte: < https://www.antonygormley.com/show/item-view/id/2117/type/solo#p1 >	7
Abstract: Antony Gormley, <i>A corner for Kasimir</i> (1996). Fonte: https://antonygormley.com/sculpture/chronology-item-view/id/2254/page/671#p1	8
Figura 1: Vidro do carro com chuva (2018): acervo pessoal da pesquisadora	12
Figura 2: Foto do caderno docente/de pesquisa: acervo pessoal da pesquisadora.....	16
Figura 3: Foto do caderno docente/de pesquisa: acervo pessoal da pesquisadora.....	18
Figura 4: Foto do caderno docente/de pesquisa: acervo pessoal da pesquisadora.....	19
Figura 5: Foto do caderno docente/de pesquisa: acervo pessoal da pesquisadora.....	22
Figura 6: Mapa de domínio específico da pesquisa (2021): acervo pessoal da pesquisadora.....	25
Figura 7: Foto do caderno docente/de pesquisa: acervo pessoal da pesquisadora.....	26
Figuras 8 e 9: Acervo pessoal da pesquisadora.....	29
Figura 10: Acervo pessoal da pesquisadora.....	30
Figura 11: Acervo pessoal da pesquisadora.....	31
Figura 12: Foto do caderno docente/de pesquisa: acervo pessoal da pesquisadora.....	35
Figura 13: Foto do caderno docente/de pesquisa: acervo pessoal da pesquisadora.....	36
Figura 14: Antony Gormley, <i>Felling Material</i> (2003-2008). Fonte: https://www.antonygormley.com/sculpture/item-view/id/226	41
Figura 15: Foto do caderno docente/de pesquisa: acervo pessoal da pesquisadora.....	42

Figura 16: Mapa de domínio específico da pesquisa (2019): acervo pessoal da pesquisadora.....	45
Figuras 17 e 18: Foto do caderno docente/de pesquisa: acervo pessoal da pesquisadora.....	49
Figura 19: Foto do caderno docente/de pesquisa: acervo pessoal da pesquisadora.....	50
Figura 20: Foto do caderno docente/de pesquisa: acervo pessoal da pesquisadora.....	52
Figura 21, 22 e 23: Foto do caderno docente/de pesquisa: acervo pessoal da pesquisadora.....	53
Figura 24: Antony Gormley, (1985). Fonte: < https://antonygormley.com/show/item-view/id/2150/type/solo#p6 >.	67
Figura 25: Antony Gormley, <i>Home</i> (1984). Fonte:< https://www.antonygormley.com/sculpture/chronology-item-view/id/2342/page/761#p1 >	68
Figura 26: Acervo pessoal da pesquisadora.....	72
Figura 27: Acervo pessoal da pesquisadora.....	73
Figura 28: Acervo pessoal da pesquisadora.....	74
Figura 29: Acervo pessoal da pesquisadora.....	75
Figura 30: Foto do caderno docente/de pesquisa: acervo pessoal da pesquisadora.....	80
Figura 31: Antony Gormley, <i>Learning to think</i> (1991). Fonte:< https://www.antonygormley.com/sculpture/chronology-item-view/id/2088/page/662#p1 >	81
Figura 32: Acervo pessoal da pesquisadora.....	86
Figura 33: Foto do caderno docente/de pesquisa: acervo pessoal da pesquisadora.....	87
Figura 34: Acervo pessoal da pesquisadora.....	91
Figura 35: Foto do caderno docente/de pesquisa: acervo pessoal da pesquisadora.....	93
Figura 36: Exército Liberdade (2018): acervo pessoal da pesquisadora	95
Figura 37: Foto do caderno docente/de pesquisa: acervo pessoal da pesquisadora.....	101

*As imagens foram manipuladas pela pesquisadora

SUMÁRIO

Lista de figuras	9
Apresentação	12
Escritos com afeto(s).....	27
Movimentos	56
A casa	66
Educação em tempos de isolamento: um dia com Espinosa.....	79
Espaços de/para/em criação.....	95
Carta aos leitores.....	102
Referências	110

Apresentação

7:30 a.m.

Manhã

c
h
u
v
o
s
a.

Motorista do aplicativo pergunta se sou policial. Nego com risadas. Sou professora. Ele ri. Como se o que eu falei fosse uma resposta pior do que aquela que o mesmo havia imaginado. Chego na sala dos professores. Café. Parabéns, estava lindo. Na hora tudo dá certo, te falei. Chego na sala da turma 12, estou feliz. Eles brincam com o fato de que queriam ensaiar hoje. Quero fazer uma roda de conversa sobre a mostra. Peço para que coloquem as cadeiras em círculo. Não precisa mexer nas classes.

Eles mexem.

Começo a falar e propor relatos sobre a participação da turma no dia 5. Os primeiros três que levantaram a mão falaram sobre erros que haviam cometido. Digo que eles estão se cobrando muito, vamos falar de alguns pontos positivos. União da turma. Humildade por terem visto que não conseguiriam compor uma coreografia a tempo. Pediram ajuda a um colega da turma ao lado que tem habilidade de construir coreografias. Ele dança há anos. O próximo diz que poderia ter sido melhor se não tivessem perdido aquelas duas semanas escolhendo a música que iriam dançar. Nossos erros foram normais, não tínhamos ensaiado no palco.

Escrevo esta cena inicial como um convite.

Um convite para que você, leitor/a, embarque no carro que pedi via aplicativo e adentre a escola em que trabalho. Uma das escolas em que trabalho. Uma escola.

A cena se refere a uma ida ao colégio no ano de 2019. A escola relatada, é um dos ambientes no qual atuo como professora. Ministro o componente curricular *arte* desde 2015 na rede pública estadual do Rio Grande do Sul, em um colégio militar, no qual trabalho com turmas de todos os níveis do ensino médio. Nesta feita, conto sobre o primeiro dia de aula após um evento que chamamos de mostra cultural, no qual os/as estudantes apresentam suas produções para o público, constituído em sua maior parte de familiares e outros alunos do colégio.

Em março de 2020 surge uma quebra nas realidades escolares. Uma pandemia de nível global impede que nos encontremos no local no qual estávamos acostumados e separa, ao menos da presencialidade, nossos corpos. Corpo-professora, corpo-aluno, corpo-escola, corpo-sala-de-aula. O vírus da Covid-19 confina os corpos em seus quartos, suas casas e transporta o corpo-escola para o corpo-tela do computador.

Este primeiro convite se estende para que voltemos nosso olhar para as possibilidades e contingências de uma docência-pesquisa em confinamento, em aliança com os conceitos de invenção e afeto que circulam por este novo corpo-escola, e que constituem movimentos de pesquisa e docência que podem ser operados com esses afetos e essas invenções. Nesta pesquisa, isso se dá a partir da instauração de um plano de composição, pensado em aliança

com os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), que propõem enquanto papel da arte, o mergulho no caos para fazer emergir dele um recorte, o delineamento de uma possibilidade de mundo.

Este plano ganha expressão em um caderno docente, a partir do trabalho com pequenas cenas recortadas ao longo do processo de pesquisa, vindouras de anotações e situações que ocorreram nestes dois anos e três meses de mestrado, e de cenas de docência, provenientes de vivências que compartilho com o ensino médio em uma escola pública de caráter militar - como esta que abre nosso primeiro contato – e de aulas de dança com a educação infantil da rede privada, ambiente no qual também atuo como professora de atividades extraclasse, com crianças de 2 a 5 anos.

O conceito de afeto é entendido aqui, dialogando com a proposta de Deleuze, a partir de sua leitura de Spinoza, como o aumento ou a diminuição de potência de vida decorrente dos encontros que atravessam nossos corpos e a interpretação que damos às afetações causadas nestes encontros (AZEVEDO, 2011). Por invenção/criação compreendo, juntamente com Kastrup (1999), Mossi (2020) e Dalmaso (2014), a criação de problemas e não de soluções, a projeção de outros olhares para as realidades que estão sempre se fazendo, o desvio daquilo que é dado previamente como 'certo', a fuga da mera reprodução de modelos preestabelecidos.

Além dos/as autores/as que juntamente comigo compõem esta escrita, as esculturas do artista Antony Gormley estão presentes ao longo do trabalho. As obras de Gormley me auxiliam a pensar duas faces de uma mesma Fernanda. A Fernanda professora-pesquisadora que usa as obras do artista já há algum tempo em aula para trabalhar arte com os alunos de

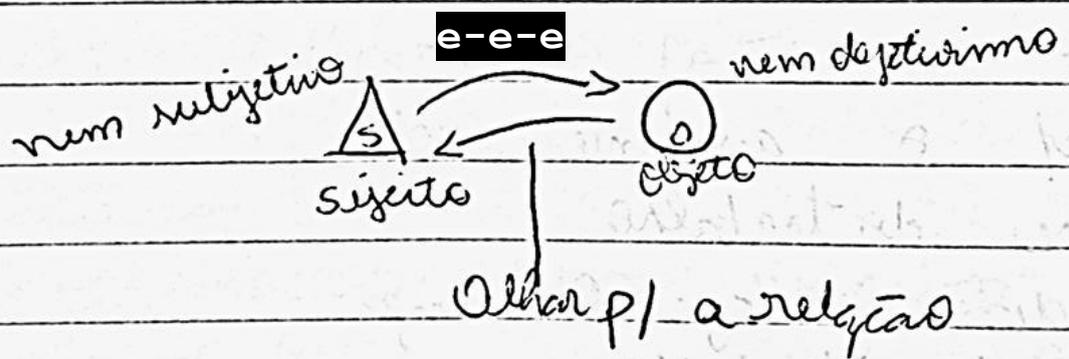
ensino médio. A Fernanda pesquisadora-professora que olha para as esculturas e com elas vê seus movimentos de pesquisa, os afetos que circulam pelas cenas e cenários apresentados como matérias da pesquisa, as possibilidades de invenção/criação que se dão sempre, mesmo que em um espaço condicionado como a casa ou a escola. As imagens me acompanham na tentativa de articular os diferentes formatos que a escola pode ter, a mutação do prédio-escola-corpo em prédio-casa-corpo, outras visões que se estabelecem acerca da escola durante os anos de 2020 e 2021 por conta do contexto em que estamos vivendo, em meio à pandemia de Covid-19.

Do ponto de vista operativo-metodológico, a dissertação coloca em funcionamento a questão de pesquisa: *Como se constituem os movimentos de criação/invenção em meio aos afetos que reverberam entre pesquisa e docência em um contexto de confinamento doméstico a que estamos submetidos em função da pandemia de Covid-19?* Tendo as cenas de pesquisa e de escola - entendendo escola, de uma forma ampliada - como principal matéria a ser investigada.

As cenas recortadas das vivências como docente-pesquisadora funcionam no decorrer da escrita como pequenas pedras atiradas na água. Atira-se a pedra e ela reverbera na água-texto, emergindo enquanto parte constituinte deste caderno docente. Busco, a partir das operações com autoras/es e com um artista, e na conexão que procuro estabelecer comigo mesma enquanto professora-pesquisadora, procedimentos para trazer à tona uma escrita viva, honesta, franca, já que escrevo *com* os afetos - e não apenas *sobre* os afetos - que me atravessam. Penso, assim, a invenção como potência presente em todos os procedimentos, e não meramente algo a ser 'identificado' nas cenas mencionadas.

OSTRAR AS PESQUISAS QUE ME

Muitas vozes compõem esta escrita para além das referências bibliográficas. Como Deleuze e Guattari (2000, p. 10) nos lembram "cada um de nós é vários". Escrevemos a partir de rastros e fragmentos de outras escritas. Em um percurso de escrita coletiva. Não há o que é nosso e o que é do outro. O que se quer é produzir uma pesquisa que não se dá nem no sujeito, nem no objeto, mas na relação, nas linhas que cruzam os agenciamentos entre eu-e-nós-e-pesquisa-e-docência-e-afetos-e-invenção-e-encontros-e-autores-e-discussões-



O que acontece quando S e O se afetam?

Escóssia e Kastrup (2005, p. 303), acompanhadas de Deleuze e Parnet (1998), propõem que

Agenciar é estar no meio, sobre a linha de encontro de dois mundos. Agenciar-se com alguém, com um animal, com uma coisa - uma máquina, por exemplo - não é substituí-lo, imitá-lo ou identificar-se com ele: é criar algo que não está nem em você nem no outro, mas entre os dois, neste espaço-tempo comum, impessoal e partilhável que todo agenciamento coletivo revela. A relação, entendida como agenciamento, é o modo de funcionamento de um plano coletivo, que surge como plano de criação, de coengendramento dos seres.

Portanto, quando falo de mim, não estou falando sobre mim, estou falando a partir de mim, com os encontros. Com aquilo que esbarro nas produções afetivas que ocorrem nestes encontros. Escrevo sobre mim, mas esse mim não é um *Eu* maior, majoritário, constituinte de uma maioria de si, e sim um eu menor, que fala de dentro de um lugar de educação possível (DELEUZE E GUATTARI, 2000). Assim, optamos por, nestes escritos, alternar a escrita entre a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural, destacando os movimentos singulares e coletivos que ocorrem ao longo da pesquisa.

Estão aqui presentes conversas, orientações, experimentações, conselhos, composições com os colegas do grupo de orientação, imagens, textos, interferências, afetos e outras intensidades que atravessam a pesquisa. “Escrevemos, portanto, com aquilo que nos convoca a manter um corpo-a-corpo com a escrita, com a leitura, com as imagens, com o que mobiliza essas três potências a entrarem em outras possibilidades performativas” (GARLET, CARDONETTI, MOSSI, DE OLIVEIRA, 2021, p.4).

Algo que temos explorado com frequência no âmbito do grupo de orientação são aquilo que nomeamos provisoriamente de 'roubos consentidos', que se referem justamente à prática de fazer uso das composições coletivas resultantes de certos encontros, nos quais discutimos, por exemplo, acerca de um conceito, de um texto, de um tema que atravessa a escrita de algum dos integrantes. Pensamos, então, que "os fragmentos de sensações, roubadas entre olhares, vão edificando o encontro do pesquisar nas relações com quem pesquisa e o modo de pesquisar (LAZZAROTTO e CARVALHO, 2012, p. 24)".

Lazzarotto e Carvalho (2012, p. 25) nos convidam a pensar que

Não precisamos mais temer o processo de estarmos afetados pelo acontecimento no ato de pesquisar, pois o que antes era dado como "ponto fraco" do pesquisador, agora marca uma condição indispensável do processo de pesquisar: a capacidade de afetar e afetar-se para que se criem os modos de expressar os sentidos de uma pesquisa.

Além de ser atravessada por muitos afetos, a dissertação se apresenta como um plano de composição que não só discute o conceito de afeto, mas que lança possibilidade de afetação no encontro com ela, que funciona como uma espécie de caderno docente, contendo rastros e rasuras dos movimentos de pesquisa e docência que atravessam uma professora, bem como não apenas discute invenção, mas coloca esse conceito em operação, em funcionamento, eminentemente inventando (KASTRUP, 1999) a abertura para questões, ao contrário de lançar soluções únicas.

"Nona função como pesquisadores não é criar quando
vamos colocar no papel, e sim cartografar / o que
já está ao nosso redor - os afetos - " e as
brás indenidades

Na aula de dança com a educação infantil, fazíamos movimentos como os de animais. As crianças gritavam um bicho de acordo com o nome que eu chamava, até que o Rafa escolheu galinha. Começou um cacarejo geral com bater de asas e gente circulando. A Mari sentou no chão e me disse que ia chorar o ovo.

*Os nomes dos alunos aos quais me refiro nas cenas foram substituídos por apelidos quaisquer, que não possuem correspondência com a realidade.

Sentada na sala dos professores com os pés apoiados em um banquinho.

O calor sobe pelo meu corpo.

A boca está seca e o peito sua com o abafamento do ambiente.

Minhas costas doem e me sinto cansada, faltam seis períodos para o fim das aulas de hoje.

"Vou fazer estrogonofe para a janta" - passa um pensamento atravessando a escrita.

Olho para a cena acima e penso sobre os alargamentos, as possibilidades de exploração provocados por ela. Enquanto eu pensava no já dito, no já visto, a relação, o encontro, me mostra o diferente, o inventivo.

Lapoujade (2017), em companhia de Souriau (2020), nos convida a pensar em uma nuvem de virtuais, que ronda nossas existências. Seriam seres sempre inacabados, modos de existência frágeis, esboços em eterna espera de um porvir. O autor traz como exemplo uma ponte que é construída apenas pela metade. Sua transformação em um modo de existência mais consistente, de maior concretude pode ou não acontecer. Porém, a perfeição dos virtuais é justamente seu inacabamento, a aparição de inúmeras possibilidades de desdobramentos dos quais a ponte pode vir a ser.

Quantas possibilidades moram em uma pergunta?

Ou ainda: Quantas possibilidades moram em uma pergunta!

Agora, ao propor esta aula dos animais, a motivação muda. O questionamento muda. A pergunta que motiva a movimentação é:

**Que outros movimentos a galinha pode
fazer?**

Este caderno docente/plano de composição, é composto por algumas sessões ao longo do trajeto de escrita. Na seção “Escritos com afeto(s)” procuro desenvolver algumas escritas acerca do conceito de afeto e dos diferentes atravessamentos que este conceito teve em minha trajetória enquanto acadêmica e professora. Nesta seção, busco escrever com o incômodo gerado em mim ao ampliar uma concepção prévia que eu tinha de 'afeto' como carinho, cuidado, algo necessariamente 'bom'. Sobretudo em meio à pandemia e à minha atuação enquanto professora e pesquisadora nesse contexto, passei a pensar tal conceito como algo que abarca, também, aquilo que pode nos despotencializar, sendo em qualquer uma das circunstâncias, movimento de vida e, assim, material de criação/invenção.

Na seção "Educação em tempos de isolamento: um dia com Espinosa" trato da docência em tempos de ensino remoto emergencial e dos desdobramentos deste contexto em minhas práticas com os/as estudantes de ensino médio e educação infantil. Novos desdobramentos em meus movimentos de pesquisa e docência são percebidos nesta seção, já que tenho precisado me adaptar e isso nem sempre é tranquilo, tendo em vista os diversos desafios que o momento tem imposto.

Na seção "Espaços de/para/em invenção" proponho que voltemos o olhar para a escola e a educação e as diferentes formas que elas podem compor. Nesta seção, é possível encontrar ensaios de algumas questões em torno de duas cenas selecionadas para comporem a dissertação, uma vivida com estudantes de ensino médio na escola estadual de caráter militar e outra com crianças da educação infantil na escola da rede privada de ensino. É

importante ressaltar, que, embora essas cenas – assim como outras que foram jogadas na água-texto - não tenham ocorrido em momentos de isolamento social, pois são anteriores à ele, é no contato com elas em meio à pandemia de Covid-19, que se dão os movimentos afetivos desta pesquisa.

Por fim, será possível encontrar uma carta aos leitores onde traço os possíveis desdobramentos e um possível fechamento desta pesquisa. Esta escrita, que busca abrir possibilidades, mais do que fechar-se em definições ou contornos estanques, é atravessada pelas cenas recortadas da docência e da pesquisa ao longo de toda a dissertação, e não somente ao final, no sentido de funcionar como um ‘resultado’, ou resolução de algo. Também não se trata de explicá-las ou mesmo de escrever *sobre* elas, mas de criar *com* elas, em meio a escrita, dando consistência ao plano de composição. Essas cenas operam enquanto processo, enquanto parte da produção da professora-pesquisadora que aqui está (sempre) se formando.

O trabalho com essas cenas, que não é da ordem da explicação, mas do tensionamento, intenta convidar quem entre em contato com o trabalho a produzir, nos entremeios das páginas do caderno docente, outras composições, relações e sentidos. Leminski (2013) e Antunes (2009) me acompanharam para pensar formatos para estes escritos, auxiliaram a entender o texto enquanto matéria plástica, como algo maleável, manipulável e se aliam, nem sempre de forma explícita, mas muitas vezes de forma poética/estética/ética às páginas das cenas sendo companhias caras em seu funcionamento.

Segundo Lepecki (2010, p. 13):

Um plano de composição é uma zona de distribuição de elementos diferenciais heterogêneos intensos e ativos, ressoando em consistência singular, mas sem se reduzir a uma “unidade”. Todo objeto estético envolve em sua construção a ativação de mais de um plano de composição. [...] Cada um desses planos não deixa de ser também um elemento de outros planos. Planos entrecruzam-se, sobrepõem-se, misturam-se, entram em composição uns com os outros, atravessam-se. Por vezes, mesmo, se repelem e se autonomizam. Isso não os impede, contudo, de permanecerem inter-relacionados no metacampo de expressão que os agencia.

Este plano que aqui está sendo traçado - juntamente com você, leitor - funciona em aliança com um caderno docente que quer colocar em jogo um convite, para que quem entrar em contato com ele trace suas próprias composições a partir das operações que arranjam este caderno/plano de composição. Essas operações convidam à produção de outras relações e sentidos, produção de planos de composição outros que - quem sabe - possam ser atravessados também por este.

Na página seguinte à esta, estará presente um mapa. Mapa este que serve para cartografar algumas das intensidades presentes neste caderno docente/plano de composição. Posteriormente, adentrarei com maior profundidade no que diz respeito à esta forma de trabalho, que cartografa as presenças mais intensas na pesquisa e as coloca em jogo. O mapa que aqui se vê, diz das matérias e procedimentos de pesquisa, que são os movimentos, cenas de criação/invenção como material revirado, remexido, trazido à tona, e dos afetos mapeados, perseguidos para compor esta pesquisa.

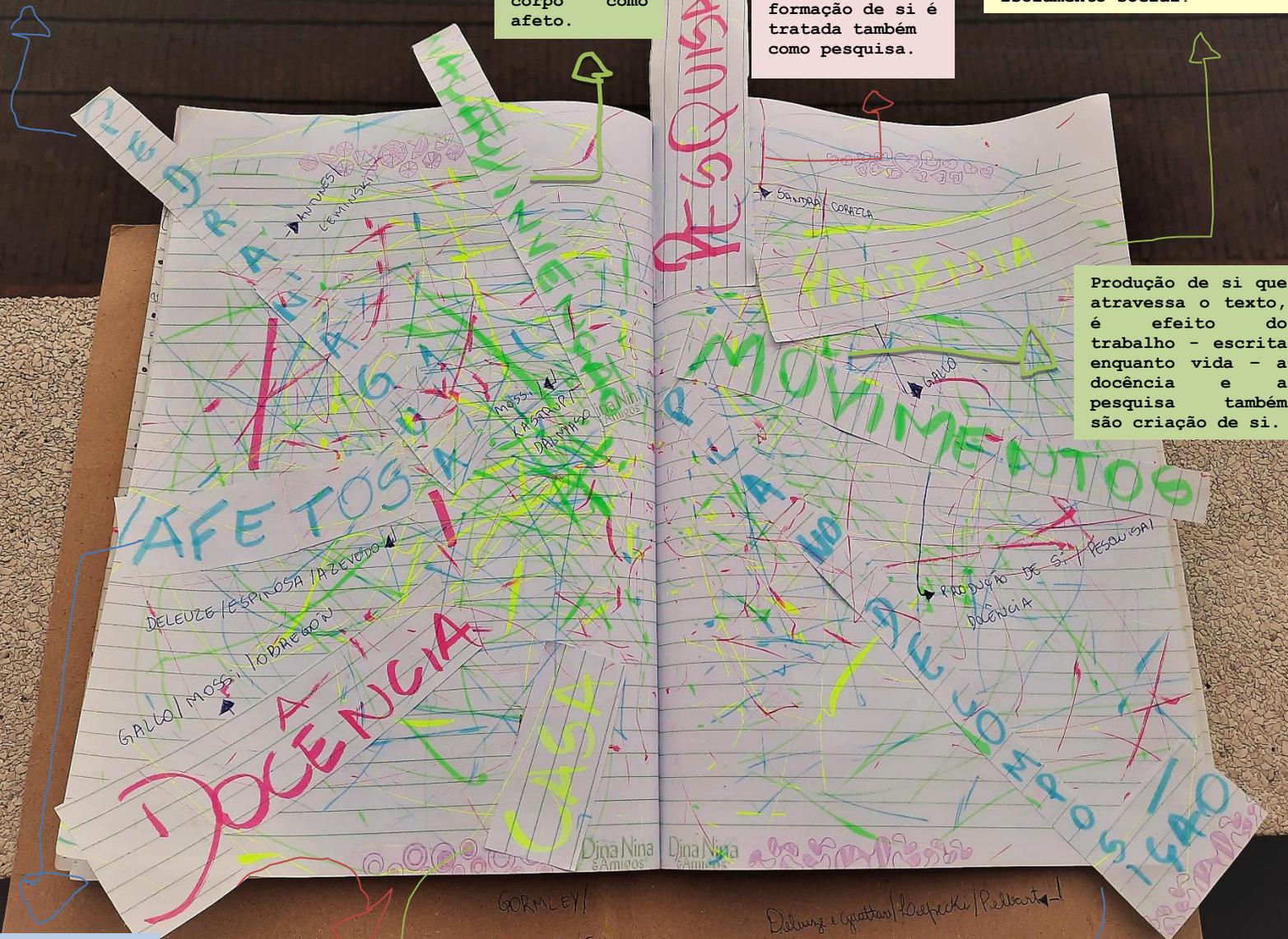
O mapa diz dos traços de conceitos aqui perseguidos: invenção/criação e afetos como campo conceitual/procedimental explorado *com* uma docência e uma pesquisa. Diz do campo de investigação, encharcada pela docência e pela pesquisa - de onde esses afetos e esses movimentos são investigados. Diz da metodologia aqui utilizada, a observação de *como* se constituem os movimentos de criação que compõem *uma docência e uma pesquisa*. Um plano de composição, que ganha expressão em um caderno docente, que desacelera os afetos que atravessam *esta docência e esta pesquisa* no tempo em que vivemos.

Cenas de docência e pesquisa que serão jogadas no texto-lago, produzindo reverberações, tensionamento. Convite a quem entre em contato com o trabalho a produzir, nos entremeios das páginas do caderno docente, outras

Novos arranjos que se formam em meio aos movimentos da vida - algo escapa - ficam no corpo como afeto.

Tratada como coisa em devir, plano de composição que capta algumas das intensidades que a atravessam. A formação de si é tratada também como pesquisa.

Participa destes escritos como parte dos afetos que atravessam e energizam esta pesquisa. Que arranjos outros ocorrem por conta da pandemia? O que pode um corpo em isolamento social?



Marcas, rastros daquilo que fica no corpo após um encontro.

Atravessada pelos afetos, uma docência se constitui por/com traços inventivos que emergem das cenas escolhidas como matéria de investigação.

Ganha existência, concretude e alarga-se nesses tempos pandêmicos. Trazida para a escrita em aliança com o artista Antony Gormley.

Território no qual as intensidades estão em jogo. Traz para o mundo essas intensidades - as desacelera.

Produção de si que atravessa o texto, é efeito do trabalho - escrita enquanto vida - a docência e a pesquisa também são criação de si.

O CORPO QUER
O CORPO QUER O CORPO QUER O CORPO QUER O CORPO QUER O CORPO QUER
O CORPO QUER O CORPO QUER O CORPO QUER O CORPO QUER O CORPO QUER
O CORPO QUER O CORPO QUER O CORPO QUER O CORPO QUER O CORPO QUER
O CORPO QUER O CORPO QUER O CORPO QUER O CORPO QUER O CORPO QUER

Sala de casa. Aula de dança on-line para a educação infantil. Fazemos um desafio inicial de encontrar alguns objetos pela casa para serem utilizados em práticas durante a aula: ~~uma~~ uma folha de papel, um pote de plástico e uma colher. Peço que as alunas peguem a colher que vou começar a explicar a proposta. A banca me olha pela tela do computador e desliga a chamada.

AR
SOL
CALOR
VENTO
OUTROCORPO

Escritos com afeto(s)

afeto | *s. m.* | *adj.*

1ª pess. sing. pres. ind. de afetar

a·fe·to | ét |

substantivo masculino

1. Impulso do ânimo; sua manifestação.
2. Sentimento, paixão.
3. Amizade, amor, simpatia.

adjetivo

4. Dedicado, afeiçoado.
5. Incumbido, entregue.

Palavras relacionadas: desafeto, inafetivo, afetivo, fraternidade, radioelétrico, dinamoelétrico, mesorreto.¹

¹ “**afeto**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/afeto> [consultado em 08-11-2019].

O conceito de afeto caminha ao meu lado desde o ano de 2012. Na data, era aluna da licenciatura em dança², cursando, no quinto semestre, uma disciplina chamada ‘Psicologia da arte e da dança’, ministrada pela professora Maria Luisa Oliveira da Cunha³. Uma das propostas da disciplina era oportunizar vivências por meio das quais fosse possível pensar diferentes atuações no campo da dança. Em uma das aulas, fomos visitar o Centro da criança especial - Kinder.

Alguns meses depois, decidi realizar um estágio na instituição. O público da Kinder me instigou

a pesquisar sobre abordagens não convencionais, por assim dizer, de ministrar aulas de dança, abordagens estas, que não poderiam ser voltadas para grandes movimentações ou investigações de espaço.

Exploramos em aula algo que chamamos posteriormente de práticas afetivas, práticas estas, ligadas à sensibilização, ao contato corporal, à relação entre professora e alunos, que muitas vezes acontecia de forma individualizada.

A Kinder Centro de Integração da Criança Especial é uma Organização da Sociedade Civil, de caráter Assistencial, atuante na região Metropolitana de Porto Alegre, que, desde 1988, presta serviços de Educação Especial e Reabilitação para bebês, crianças e jovens deficientes múltiplos, com severidade moderada e grave, em situação de vulnerabilidade social, oportunizando o acesso e inclusão social. Texto disponível em: <http://www.kinder.org.br/sobre>

² Aqui, estou me referindo ao curso de licenciatura em dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, frequentado entre os anos de 2010 e 2014.

³ Profa. Dra. Maria Luisa Oliveira da Cunha, professora do curso de licenciatura em dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Neste momento da graduação comecei a pesquisar outros modos de pensar a docência, motivada pela primeira experiência que tive com alunos que tinham bastante limitação de movimento. Pensava de que forma aqueles corpos poderiam ser estimulados a experimentar processos de criação em dança. Fomos experimentando, aos poucos, diferentes modos de fazer no decorrer do estágio, e ao mesmo tempo procurávamos por embasamento teórico que reforçasse, ou negasse, ou propusesse outros meios para a dança. Meios de sensibilização, meios de troca, meios de expressão.



Utilizei como estratégia para sensibilização o contato corporal, com o objetivo de colocar o que chamava até então de afeto - na época entendido como carinho, amor, simpatia - em evidência. A partir desse semestre trabalhando com crianças com deficiência, comecei a desenvolver propostas que envolvessem essas abordagens afetivas com maior regularidade em minhas aulas. Durante meus estágios na graduação, em meus primeiros contatos com o ensino formal na escola pública, comecei a investigar ainda mais possibilidades para que o estreitamento dos laços afetivos se desse a partir de intimidade e socialização entre os colegas, por via da dança, do toque, de experimentações que envolvessem a disponibilidade do corpo para trocas.



Ao ingressar no programa de pós-graduação em educação no ano de 2019, fui apresentada a novas perspectivas acerca do conceito de afeto. Um afeto outro, proposto por Baruch Spinoza (além de outras e outros autores) - apresentado a mim a partir da leitura de Deleuze (2019) - entendido como “as afecções do corpo, pelas quais sua potência é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (SPINOZA, 2009, p. 100). Em um primeiro momento, a proposta de investigar acerca desse outro olhar pareceu distante, creio que por conta do apego ao conhecido, ao já estudado, devido às certezas que queremos preservar:

A substituição do questionamento pela instauração da certeza. Na tentativa de domar o fluxo dos acontecimentos cotidianos e organizar o excesso de informações, tomamos alguns aspectos como resolvidos e buscamos abrigo no acúmulo de convicções, seguros de que assim podemos nos movimentar confortavelmente em um mundo tão inseguro. Por outro lado, estranhar nos afasta dessa suposta segurança, desacomoda nossas percepções e gera desconforto (KNEIPP; MOSSI, 2019, p. 6).

Existiu e ainda existe certo estranhamento, uma espécie de ruído entre as concepções que eu trazia para o conceito de afeto desde a graduação e o que tenho pensado em torno dele atualmente. A experiência de aproximação com uma nova abordagem ético-estética pode ser também dolorida quando dela emergem a estranheza, a resistência, a adversidade das coisas. Porém, a partir da desestabilização gerada nestes encontros, nossos afetos podem ser mobilizados, constituindo-se nisso a possibilidade de rever nossas certezas, de conhecer melhor os afetos que nos atravessam e de nos sensibilizarmos e disponibilizarmos para afetos e encontros outros (HERMANN, 2005).

Kastrup (2001, p. 17) nos convida a pensar o início do processo de aprendizagem quando estranhamos, e não quando reconhecemos:

Por exemplo, quando alguém viaja a um país estrangeiro, as atividades mais cotidianas, como abrir uma torneira para lavar as mãos, tomar um café ou chegar a um destino desejado tornam-se problemáticas. Ao ser bruscamente transportado para um novo ambiente, os hábitos anteriores não servem e o viajante vive sucessivas experiências de problematização. Não se trata de mera ignorância, mas de estranhamento e tensão entre o saber anterior e a experiência presente. Quando viajamos somos forçados a conviver com uma certa errância, a perder tempo, a explorar o meio com olhos atentos aos signos e a penetrar em semióticas novas. Somos forçados a pensar, a aprender e a construir um novo domínio cognitivo e uma outra maneira de realizar atividades que eram tão simples e corriqueiras que havíamos esquecido seu caráter inventado. A viagem surge, então, como ocasião de uma aprendizagem, pois o viajante não se dava conta de que as relações que tomava como óbvias e garantidas eram, a rigor, construídas e inventadas. Tal aprendizagem não se esgota na solução dos problemas imediatos, mas prolonga seus efeitos e sua potência de problematização.

Pensando em prolongar os efeitos dessa experiência de problematização, decidi, juntamente com meus colegas e orientador, viajar ao país estrangeiro, perseguir este estranhamento, fazer do estranho, do medo, um aliado na produção – produção esta, que não cessa - desta pesquisadora. O caderno docente me acompanha nessa viagem, como um diário de bordo, de modo a cartografar as intensidades encontradas no caminho.

O encontro entre ambas as concepções foi e é dolorido. A ampliação desse conceito não compôs e não compõe comigo de uma forma tranquila. Nesse sentido, busco escrever não somente *sobre* os afetos, mas *com* os afetos. Escrevo com eles não porque 'sei', mas justamente porque há muito ainda por ser pensado e produzido, e talvez sempre haja. Busco, nessa suposta 'falta', no desconhecimento, potência de criação/invenção. Busco nos/as

autores/as, textos e imagens instrumentos para entender melhor, não exatamente os conceitos - já que eles sempre nos escapam - mas meus movimentos de pesquisa e docência em articulação com eles.

Em outubro de 2020, durante a banca de qualificação desta pesquisa, a professora Alice Dalmaso expressou a seguinte fala:

A invenção é feita de ecos, a força da composição está em como nós damos condições para que a invenção se dê em nós. A impotência - os afetos ruins - são provocadores, potência inventiva de tempo, de duração, me põem em variação. Diante do afeto triste, meu dever é desenhar linhas outras, para olhar aquele afeto de outra maneira. Deixar o vento entrar, arejar, fazer outra coisa disso.

Na medida em que fui operando com essa outra concepção de afeto, fui me relacionando de outro modo com meus trabalhos anteriores e olhando-os de outro lugar. Spinoza (e em sua companhia, Deleuze), não trata apenas dos afetos felizes, das afeições, da simpatia e da amorosidade, mas nos convida a atentar também para a tristeza e o que deriva dela, como o medo, a insegurança. A partir do trabalho de Spinoza, Deleuze (2019), nos convida ainda a pensar o afeto como a variação constante da força de existir ou da potência de agir. Afeto é variação. E a causa desta variação está nas relações tecidas nos encontros, e não no sujeito, ou no objeto.

Deleuze substitui o espelho que reflete, pela ponte
→ o pensamento não é representação de algo e sim
uma ponte: Quando eu encontro o objeto e estou
na presença do encontro, afetado, está se dando o
afeto. Quando me aproximo do encontro, vou a descoberta
objeto. marcas do encontro.

Bate o sinal do colégio

TRIM

TRIM

TRIM

Todos "em forma" dentro da sala esperando a apresentação da turma. Um aluno ainda está na rua.

Olho para ele: conservam do lá fora.

Eu: em silêncio aqui dentro.

Ele olta para alguém do outro lado do corredor:

CARA, TENHO QUE

IR. A SORA TÁ

ME CHAMANDO

Os afetos são marcas.

Rastros daquilo que fica quando acontece o encontro.

Esta cena me diz de afetações anteriores a ela. Me diz de sensibilizações das quais a relação aluno/professora é capaz. Me diz de uma professora e um aluno que conversam com um olhar. Da produção de sensibilidade mais que de sensatez, como diria Obregón (2007). Me diz que os silêncios, gestos, olhares, podem afetar mais que gritos, berros e ameaças. Essa cena reafirma algumas apostas nas potências que rondam a educação.

Potências essas que podem sim, considerar os afetos, as sensibilidades, podem vazar as grades curriculares e as normas que atravessam a educação, especialmente em uma escola de viés militar.

E que fazem parte dos agenciamentos presentes no microuniverso de dois períodos semanais em que temos aula de arte, dentro de uma carga horária de dez horas diárias na escola. É o início de uma abertura ao diálogo e da construção coletiva da escola na qual quero habitar. Entre as políticas que tentamos construir, está o olhar atento para os acontecimentos ao nosso redor os questionamentos sobre os corpos que habitam a escola.

Cada agenciamento professor-aluno é um ponto de bifurcação, de proliferação de possíveis, de multiplicação de fontes, de ramificação. Cada agenciamento abre a possibilidade da continuidade da propagação. Contudo, há um ponto de bifurcação, de indeterminação, e o resultado não é garantido. Por isto não há programa ou método de trabalho para a aprendizagem inventiva. Mas há, seguramente, uma política pedagógica a ser praticada. A política da invenção consiste numa relação com o saber que não é de acumular e consumir soluções, mas de experimentar e compartilhar problematizações, e a adoção da arte como ponto de vista faz parte desta política. A perspectiva da arte libera a aprendizagem da solução de problemas, que faz da performance adaptada um valor em si. Pode-se concluir que as competências de nada valem se elas apenas intensificam a dimensão de controle do comportamento, e não são capazes de ser um meio de exercício da liberdade de fazer diferentemente, de ser diferentemente, de inventar a si e também a um mundo. O ponto de vista da arte revela-se como uma forma superior de problematização, ou, em outras palavras, significa colocar-se frente ao processo de aprender do ponto de vista da problematização, que define, então, uma forma de relação com os objetos, com os modos de ação e consigo mesmo. O interessante aí é que esta forma de relação, esta atitude, esta política que orienta e dirige o processo de aprendizagem, é um ponto de vista que é, ele próprio, resultante de um processo efetivo de aprendizagem. Trata-se, aí, de aprender a aprender (KASTRUP, 2001, p. 10).

Nestes escritos procuramos olhar também para os afetos que se desdobram da tristeza, para os afetos despotencializadores que rondam a docência e a pesquisa, que não são feitas apenas de momentos bons. Não posso dizer dos afetos alheios, mas posso dizer daqueles que me atravessam. Escrevi e continuo escrevendo com afetos porque as palavras e significados do dicionário, como aquela que abre esta seção, não dão conta. Nem todo o dicionário daria. Escrevo com afetos porque eles atravessam cada planejamento, noite mal dormida, choro, e indignações por causa da escola, mas também cada briga que travo por ela. Atravessam os momentos juntos, as discussões que compartilho com os alunos, os trabalhos, bilhetinhos e abraços que compõem a(s) escola(s). Atravessam, por fim, esta pesquisa, que é composta pelos rastros de uma professora e pesquisadora sempre em movimento. Movimento de pensar, de aprender, de rever as coisas já sabidas e de se abrir para novas. Movimentos de vida, com tudo o que ela comporta.

Nesse sentido, penso afeto a partir da imagem de uma pedra na água. Essa imagem nos parece potente quando, em algum momento, em uma das conversas a respeito dos interesses e questionamentos para a dissertação, falamos sobre pesquisa e sobre o papel de cada palavra-conceito nela.

Dissemos que palavras numa pesquisa são como pedrinhas que a gente lança na água: lança a palavra e ela repercute em outras palavras-água. Essa imagem nos acompanhará ao longo da dissertação, nem sempre de forma explícita, para pensarmos os movimentos de docência e pesquisa atravessados pelos conceitos de afeto e invenção, como uma aliança que

nos ajuda a escrever e a criar em meio à investigação, a partir das reverberações que as cenas projetam no texto. A pedra que

•

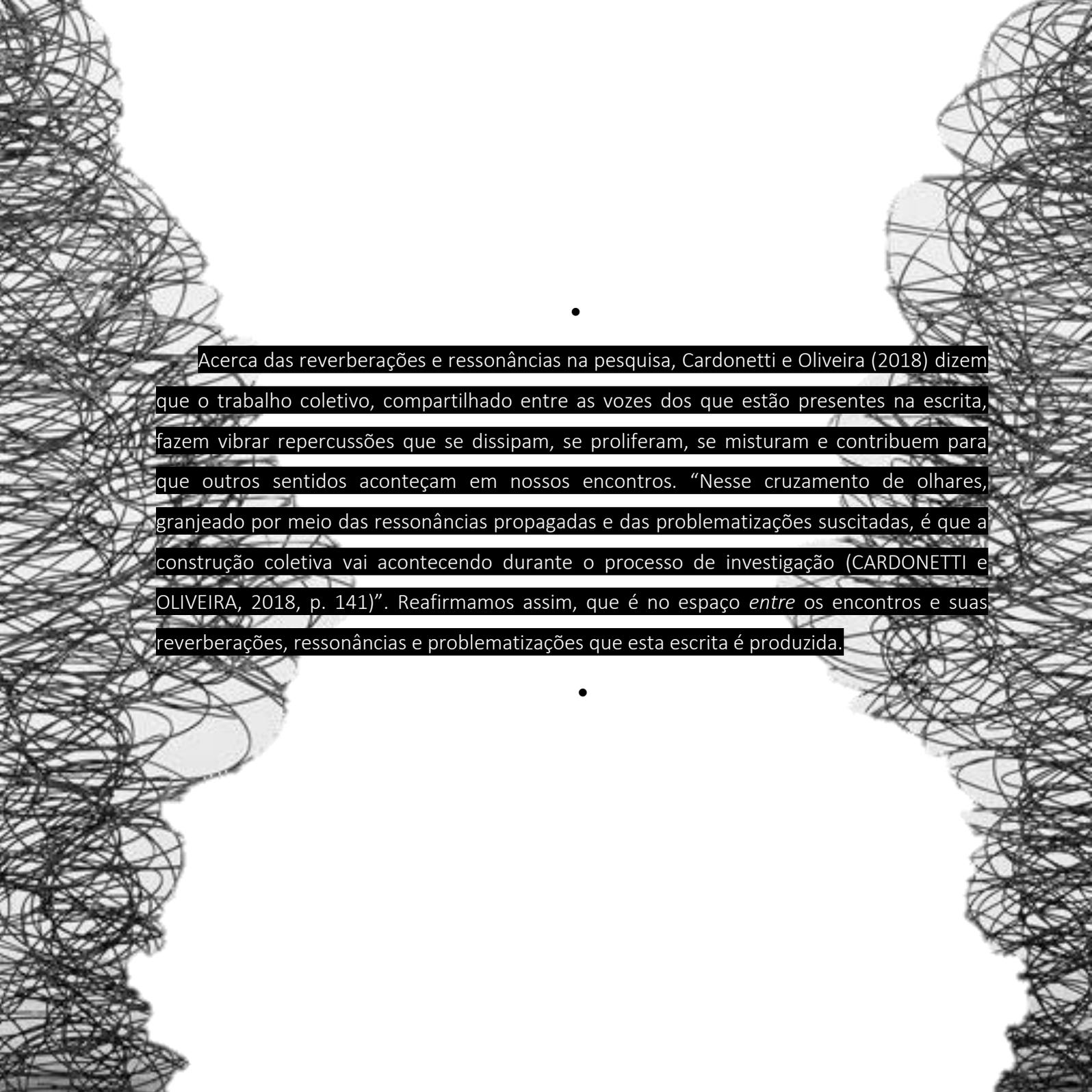
C

A

I

•

na água e faz r.e.p.e.r.c.u.t.i.r/ressoar ondulações que atravessam a superfície homogênea, desenhando formas que se interconectam momentaneamente, na duração de uma onda que ressoa.



•

Acerca das reverberações e ressonâncias na pesquisa, Cardonetti e Oliveira (2018) dizem que o trabalho coletivo, compartilhado entre as vozes dos que estão presentes na escrita, fazem vibrar repercussões que se dissipam, se proliferam, se misturam e contribuem para que outros sentidos aconteçam em nossos encontros. “Nesse cruzamento de olhares, granjeado por meio das ressonâncias propagadas e das problematizações suscitadas, é que a construção coletiva vai acontecendo durante o processo de investigação (CARDONETTI e OLIVEIRA, 2018, p. 141)”. Reafirmamos assim, que é no espaço *entre* os encontros e suas reverberações, ressonâncias e problematizações que esta escrita é produzida.

•

Gostaria de convidá-los para, juntamente com a visualização da obra *Feeling Material*, de Antony Gormley, a ouvir um áudio com a poesia *Contranarciso*, de Paulo Leminski:

 <https://drive.google.com/file/d/1KPC6YpxymIv1J4SHaSz6BwM1sxtHzeg8/view?usp=sharing>



SÓ SABEMOS O QUE PODE UM CORPO EM RELAÇÃO. PRECISAMOS OLHAR NÃO APENAS PARA OS EFEITOS DOS ENCONTROS, MAS PARA AS CAUSAS (SPINOZA, 2009). VOLTAR O OLHAR PARA AS LINHAS DOS ENCONTROS - PARA A FORÇA QUE TENSIONA ESSAS LINHAS, A FORÇA DO AVESDO QUE MOLDA A LINHA - OLHAR PARA O FORA (DELEUZE, 2001).

Dia de sol. Levo a turma do maternal 2 para o pátio. Início a aula explicando que aprenderíamos uma dança de origem indígena chamada "TXAI OKE". Eles acharam o nome muito engraçado e eu conto que a palavra TXAI significa algo como "melhor amigo" para a tribo Kaxinawá. A Pati me olha frontalmente e diz: TU É MINHA MELHOR TXAI!

QUE INTENSIDADES SE INTERPÕEM ENTRE PESQUISA E DOCÊNCIA?

Quando estávamos ainda no primeiro semestre do mestrado em educação fizemos, no âmbito do grupo de orientação, algumas experimentações para definir os caminhos que iríamos seguir em nossas pesquisas. Entre as provocações compartilhadas nos encontros, o convite a estranhar o pensamento estabelecido nas pesquisas anteriores instigou a criação de um caminho possível para esta pesquisa.

Como proposta de primeiro contato com as palavras que seriam caras para a pesquisa e seus desdobramentos, foi-nos lançada a atividade de produzir um *mapa de domínio específico da pesquisa*⁴ conforme nomeado pelo professor Cristian Poletti Mossi nos encontros de orientação, o qual foi utilizado como base para as ações que viriam a seguir.

Tal experimentação consistiu em organizar os conceitos fundamentais que imaginávamos para a pesquisa logo no seu início, conectando-os entre si e com outros conceitos e referências que poderiam nos servir à continuidade. Já nesse exercício, percebi o quanto a definição de afeto exposta pelo dicionário não dava conta da complexidade deste conceito, tanto em relação ao que eu vinha propondo desde meu encontro com ele ainda na graduação, como no que eu imaginava para o mesmo na continuidade da pesquisa. Percebi também a multiplicidade de conexões entre ele e o conceito de invenção, já que, segundo Mossi (2020, p. 8):

⁴ MOSSI, C. P. A questão de pesquisa na interface com os mapas de domínio específico da pesquisa ou mapas de expressão de ideias em docência e pesquisa. Material didático elaborado pelo Prof. Cristian Poletti Mossi para a PPE: Experimentações nas pesquisas em educação com arte, filosofia e outros afetos (2020/2). 14 p. Porto alegre: Faculdade de Educação da UFRGS/PPGEdu – Linha de pesquisa Arte, Linguagem e Currículo, 2021.

seria possível afirmar que não somos nós que temos as ideias, que criamos, mas são as ideias, os atos de criação que 'nos têm', que criam ressonâncias em nós, de acordo com o que nos afeta e nos arrasta o corpo, de acordo como que nos chega e – enquanto corpo, enquanto presença que somos – filtramos e enviamos como uma flecha em velocidade infinita para outras direções.

Não se quer aqui descobrir algo que está escondido, e sim mobilizar o pensamento. Pensamento este, que não se separa do corpo, mas que é visto como algo que modifica as coisas ao serem pensadas - pensamento enquanto máquina que produz fluxo que movimenta, modifica os planos de composição - e ao mesmo tempo estes planos ricocheteiam e voltam ao pensamento e o remoldam, colocando-o em outras vias, em outras direções (LAPOUJADE, 2017). Logo, não penso com neutralidade, nem a distância, enxergo pelo meio - mais encarno o pensamento do que o crio do nada, componho com ele - as coisas me convidam a pensar, longe de um querer que vem do sujeito, e sim um engendramento que acontece em composição. O sujeito não é individuado, unívoco, que por que quer, cria. Somos mais efeito desse processo de criação do que fundamento dele (KASTRUP, 2007).

Neste engendramento, as cenas são como pedras na água, que entram no corpo da pesquisa e produzem ressonância, produzem afetações - não se trata de uma teoria separada de um corpo, mas o corpo e o incorporal funcionando junto com o texto, no corpo que sou eu, no corpo que é a casa, no corpo que é a pesquisa, no corpo que é docente, no corpo que sou eu-casa-pesquisa-docência-afetos-invenção-isolamento - - - -

O mapa de domínio específico da pesquisa inicial sofreu alterações, assim como as intenções de pesquisa, o contexto em que vivemos e eu mesma também mudamos. Poderíamos seguir da letra 's' a palavra escola, assim como a expressão ambiente escolar, visto que mais do que nunca a escola expandiu, alargou, desdobrou, e passou a ser entendida em um sentido amplo, como diversos lugares onde há relações em educação. Alarga-se esse espaço, na tentativa de olhar para as intensidades que se interpõem entre pesquisa e docência, em qualquer lugar em que esta docência esteja.

Ao mesmo tempo, é importante lembrar que, apesar das transmutações, em momento algum estamos afirmando a escola como uma instituição prescindível, ou ainda, substituível, mas inevitavelmente a pandemia nos colocou a pensar nos sentidos de escola, e, mesmo com um possível retorno, não é provável que retornemos àquele mesmo lugar, da mesma forma (como já não tem sido). A escola para a qual retornaremos também será outra.

A invenção - ou ainda nomeada em alguns outros momentos desta escrita como criação - diz respeito à criação de problemas e não de soluções, à projeção de outros olhares para as realidades que estão sempre se fazendo, ao desvio daquilo que é dado previamente como 'certo', à fuga da mera reprodução de modelos preestabelecidos. Esse pensamento em torno da invenção é construído no diálogo com Virginia Kastrup, Cristian Mossi e Alice Dalmaso, como mencionado anteriormente.

Cenas captadas por esta professora-pesquisadora no exercício da docência compõem esta pesquisa como a principal matéria explorada. Cenas essas, que não são produzidas por pessoas, apenas.

E sim,
por você e
ele e
eu e
nós e
afetos e
matérias e
objetos e
lugares e
intensidades e
tudo que há *entre*

Essas cenas não são resultantes unicamente de uma ou mais vontades, e sim são muito mais encarnadas por essas pessoas, do que construídas por elas. As cenas não foram propiciadas ou constituídas ‘por querer’, e sim ganham existência e concretude a partir da potência de conversão do olhar. “Trata-se de fazer ver [...] instaurar um plano que torne possível a percepção de novas entidades” (LAPOUJADE, 2017, p. 48), abrir os olhos, se colocar à espreita dos acontecimentos, mesmo que sejam mínimos, e capturá-los.

Primeiro ano trabalhando no colégio. Turma de 1º ano fazendo prova e eu "cuidando". Note o quanto de alunos com gripes/rinite temos naquela semana. Repetidas vezes eles pedem papel p/ limpar próximo a mesa. No terceiro dia de prova percebo um padrão. Eles estavam colando em códigos. Espreguiça p/ pedir res

Essa cena me diz muito de como o aluno escapa, vaza por entre os códigos e regras da escola...E que a invenção, a experiência de problematização, acontece também em meio às contingências. O *Eu* majoritário - produção também desta educação dos rigores, dos abafamentos - quer restringir, quer parar as tosses e espreguiçadas, mas o *eu* minoritário (GALLO, 2002) produz variação diante deste encontro e quer compor dança com as fungadas. Afeta-se e alegra-se. Maravilha-se diante das brechas e ventilações das quais os alunos são capazes em meio às durezas que compõem as avaliações.

porta.

→ Uma fungada, questão 1.

→ Número de toxicas:

1 p/ alternativa A

2 p/ B

3 p/ C

4 p/ D

5 p/ E.

Expansora - Deus e natureza

Trata-se de fazer ver, de tomar perceptíveis novas classes de seres, até os que são invisíveis. Temos, então, um primeiro momento que consiste em empurrar para fora do plano todos os pressupostos, os preconceitos, as ilusões que bloqueiam essa renovação da percepção [...] É preciso purificar o campo da experiência daquilo que impede de ver (LAPOUJADE, 2017, p. 48).

↳ que pode um corpo?

↳ potência

- O corpo que se coloca no exercício da docência: que encontros acontecem em uma aula?
- Quais conseguimos trapear e quais nos fazem?

01:44:46.318,01:44:49.318
Fernanda Xavier Varella: ta dando um chiado, Gus

01:44:51.268,01:44:54.268
Mayra Marques: a voz tá bem robótica

01:45:20.177,01:45:23.177
Mayra Marques: micro desligado

01:45:23.644,01:45:26.644
Fernanda Xavier Varella: vou aproveitar pro xixi

01:45:33.837,01:45:36.837
Gustavo Tessler: vou sair e entrar

01:46:09.719,01:46:12.719
Mayra Marques: gente ja volto tb
interfone ta tocando

01:50:33.439,01:50:36.439
Ilana: volto já

01:52:37.529,01:52:40.529
Mayra Marques: pode ir

00:26:46.028,00:26:49.028
Gustavo Tessler: fui desligar o mic e saí da ligação :P*

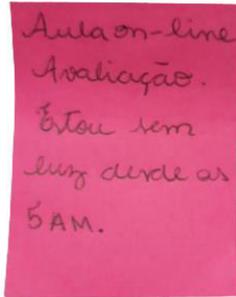
*Cena de pesquisa: encontro pelo google meet com colegas do grupo de orientação

TEM

Aula on-line.
Depois de apre-
sentar slides no-
te que a câ-
mera estava apor-
tando p/ o teto.

ALGUÉM AÍ?

Andamos vagorosamente



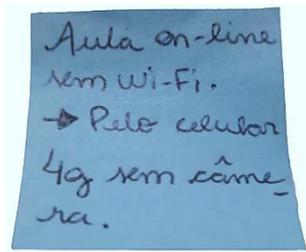
Aula on-line
Avaliação.
Estou sem
luz desde as
5AM.

dentro da aula on-line

Como se andássemos em

um ambiente viscoso

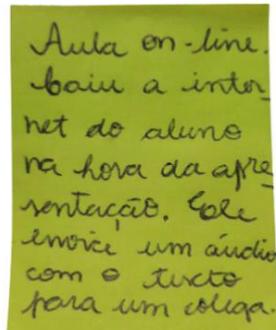
A escola se mostra um



Aula on-line
sem wi-fi.
→ Pelo celular
4g sem câme-
ra.

líquido muito menos denso

Há um descompasso entre o



Aula on-line.
baixe a internet
do aluno
na hora da apre-
sentação. Colei
um áudio
com o texto
para um colega.

nosso ritmo e o da escola

503 Service Unavailable

Com o tempo descobriu que
escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.

a professora-pesquisadora

No escrever ~~e-menino~~ viu
que era capaz de ser noviça,
monge ou mendigo ao mesmo tempo.

A professora-pesquisadora

~~O-menino~~ aprendeu a usar as PALAVRAS.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.

A professora-pesquisadora

~~O-menino~~ fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.

a professora-pesquisadora

A mãe reparava ~~e-menino~~ com ternura.

Minha filha

A mãe falou: "~~Meu filho~~ você vai ser poeta!
Você vai carregar ÁGUA na peneira a vida toda.

Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus DESpropósitos!"

QUANTOS MOVIMENTOS ESTÃO ENVOLVIDOS NO LANÇAMENTO DE UMA PEDRA N' ÁGUA?

A Feto
Pedra n'água
desliza, repercute
em tantas outras pontas
da vastidão desse lago-escola
habitar o lago-escola, escola-lago inventando
invenção, inventar, invençioneiro, habitante arteiro
inventa, repercute, desliza
Pedra n'água invençioneira
sem saber quando,
inventa

Movimentos

Escolha da pedra que será lançada – ou ainda: escolha uma pedra que será lançada! - Corpo que se torce em busca de uma forma de jogar essa pedra para que ela reverbere ainda antes que afunde. Pedra que voa sobre a água. Toca a água. Mergulha n'água. Água que recebe a pedra. Gotas d'água que espirram em cada contato da pedra com a água. Afetação em cada partícula d'água que a pedra toca. Afetação em cada partícula d'água que o corpo toca torcendo em busca de uma forma de jogar essa pedra para que ela reverbere ainda antes que afunde.

Por alguns instantes, corpo, pedra e água se modificam por conta do encontro. Se afetam. A pedra-afeto desliza com a gota-invenção: “a política da invenção consiste numa relação com o saber que não é de acumular e consumir soluções, mas de experimentar e compartilhar problematizações” (KASTRUP, 2001, p.19). Criação de problemas. De perguntas, e não de respostas. Invenção.

Pensar a escola ou a pesquisa em aliança com a imagem de um lago é entender que ela não se apresenta sempre como um lago calmo e tranquilo, e que a superfície aparentemente homogênea, se olhada com atenção, mostra multiplicidade. A escola enquanto água, nunca é a mesma. A água pode ser potência de vida, pode ser mudança de estado, pode se transformar pelo sol, a escola pode ser a água que possibilita a vibração das ondas. A água pode ser enchente, pode ser tempestade, pode ser seca, quando escassa.

A escolha da pedra: de onde fala o corpo que lança a pedra na água? Ao olhar para o chão, as pedras são iguais? Elas diferem só em tamanho, ou também em tipos de pedras/rochas diferentes? Como inventar outros modos de existir em que não nos encontremos polarizados entre a agitação frenética e a passividade depressiva? Por quais outras vias podemos explorar os espaços cheios de mundo onde uma aventura de movimento nos aguarda (LEPECKI, 2010)?

Em um plano de composição, o que vemos é um recorte de um universo de intensidades para todo lado - antes da forma, antes do conceito, um espaço sem referências - o caos. Um lugar de intensidades puras, constituído por forças em luta, lugar de excesso de velocidade - onde as forças passam tão rápido que não conseguimos nos relacionar. O caos é onde o pensamento não pode chegar, não por incapacidade do pensamento, mas da relação. A arte inventa. Entra em intersecção com a linha do caos, desacelerando-a, tira o caos das velocidades infinitas e conserva um pouco em si. Recorta o caos. Este recorte é feito a partir das conexões que estão no caos, não é um contorno limitado, a partir de uma forma externa - é um conjunto de conexões que vem do meio destas intensidades, associação entre forças para produzir consistência. Atravessamos o caos rumo a um plano de composição (DELEUZE e GUATTARI, 1997).

Muitas escolas moram dentro da escola, muitos movimentos de pesquisa em multiplicidade compõem uma dissertação também. A pedra n'água pode ser um fator destabilizador dessa estrutura aparentemente tranquila. A pedra que produz onda em lago calmo. Que forças embricadas em educação podem fazer onda?

“Tem uma ideia muito interessante dos diferentes tipos de ondas que existem, as ondas de uma pedra jogada no lago são ondas transversais, ou seja, a onda vai do lugar de onde a pedra caiu até a margem (sentido horizontal), mas as partículas de água se mexem apenas vibrando na vertical (subindo e descendo). As partículas de água não vão até a margem, se um inseto estivesse na superfície desse lago, sentiria o movimento, mas não se mexeria no plano horizontal. Uma pessoa que toca a água na margem, sente a energia produzida pela pedra sem precisar entrar em contato com as partículas de água que tocaram a pedra. O movimento que uma pedra produz quando cai na água é incrível justamente por mostrar a potência do encontro transformado em energia que ressoa uma a uma nas partículas até que chegue à margem.

Essa transmissão entre as partículas me lembrou das palavras do profeta gentileza: *gentileza gera gentileza*”.

*Este escrito foi enviado a partir de uma conversa com Vitória Bombassaro, colega e amiga que faz parte do grupo de orientação que permeia esta pesquisa.

Procurando movimentar a pedrinha, gerar forças para a pedra fazer onda, fazer corpo com a pedra, instigar movimento do corpo-pedra-lago, propor possibilidades de relação entre pedra-afeto-invenção-lago-escola, é que trago para o diálogo com autores, algumas cenas do meu repertório enquanto professora de arte e dança, professora que experimenta diferentes tensões, tanto na rede pública estadual, no trabalho com jovens de 14 a 19 anos, quanto na rede privada de Porto Alegre, com crianças de 3 a 5 anos.

Determinados recortes foram escolhidos por entender que em meio à essas cenas há algo de diminuição ou aumento de potência a partir dos encontros produzidos por elas (SPINOZA, 2009), dimensão que me convida a compor com o conceito de afeto; e há algo de criação de problemas, de desvio do que foi planejado e de fuga da representação/reconhecimento, do reconhecimento de um mundo previamente dado (KASTRUP, 2001), ou seja, uma dimensão que me convida a compor com o conceito de invenção. A partir da cartografia das primeiras cenas escolhidas, como um primeiro movimento de pesquisa, conforme mapa de domínio específico apresentado na página 45, surge a pergunta:

Que possibilidades de afetos podem surgir em meio às criações que atravessam o ambiente escolar?

Essa foi a primeira questão de pesquisa que busquei perseguir. Hoje, olho para esta questão e vejo minha curiosidade em descobrir que outros afetos seriam possíveis como potência de invenção na escola. Com o passar do tempo percebi que meu próprio caminho como pesquisadora - inseparável da trajetória como professora - era uma das matérias da pesquisa e, passando por uma pandemia mundial, que deixou todos afastados, tanto da

escola, quanto dos alunos, da família, pensei que algumas alterações precisariam ser feitas na questão para que ela desse conta do que a pesquisa estava me pedindo, mas ainda considerando a escola como um campo possível para pensar essas relações.

Após algumas modificações, surge a questão:

Que movimentos de criação/invenção em pesquisa e docência podem surgir em meio aos afetos que atravessam ambiente(s) escolar(es)?

Após o exame de qualificação do projeto que ora resulta nesta dissertação, perseguindo ainda mais os movimentos afetivos/inventivos de pesquisa-docência, a pergunta que orienta este trabalho é novamente flexionada, pensando ainda em dar conta de um como, de pesquisar a forma com que esses movimentos acontecem. Falar dos meus movimentos, dos movimentos desta pesquisa, de uma pesquisa, de uma docência, que está se fazendo em meio a uma situação de isolamento social, por conta da pandemia do vírus Covid-19.

Como se constituem os movimentos de criação/invenção em meio aos afetos que reverberam entre pesquisa e docência em um contexto de confinamento doméstico a que estamos submetidos em função da pandemia de Covid-19?

Como forma de energizar esta questão, proponho fazer deste trabalho um aglomerado, um diário, um inventário de afetos que atravessam meus dias como professora e pesquisadora, fazer dele um caderno docente. Neste caderno, emergem cenas de pesquisa e docência que ocorrem antes e durante a pandemia de Covid-19, porém, todas as cenas são operadas, manipuladas e exploradas em meio ao contexto de isolamento, portanto, persistem na dissertação e dizem das intensidades que aqui estão.

Mapear algumas dessas afetações é uma das formas que encontro de me fazer professora e pesquisadora, de me tornar ativa frente aos acontecimentos em torno da docência. Sobre isso, Mossi (2021, p. 20), em aliança com Spinoza nos fala que

É fundamental que estejamos atentos aos encontros que temos, não para tomar consciência deles, mas para que saibamos as causas que aumentam nossa potência de modo a escolhermos esses encontros e nos tornarmos ativos frente aos acontecimentos (no contraponto de estarmos ao sabor do acaso).

Ao afirmar que esta dissertação quer ser um caderno de professora-pesquisadora em aliança com arte, afirmo também que não é o intuito deste trabalho criar soluções para que outros professores trabalhem sobre afeto e invenção em sala de aula ou em suas investigações, nem ser um conjunto de metodologias a serem seguidas. Esta dissertação é um caderno de uma professora-pesquisadora, que volta o olhar para seus alunos, para suas salas de aula e para os seus movimentos investigativos, para o tempo em que vivemos e, com isso, escreve com os afetos e possibilidades de invenção mapeados nesses encontros em multiplicidade e quer acolher e habitar os movimentos de pesquisa e docência que a atravessam.

Este caderno busca compor com o conceito de Deleuze e Guattari (1997) de plano de composição em arte, pensando no plano como horizonte para os acontecimentos, imagem fractal do pensamento, como plano maleável que permite engendrar conexões e proliferações. Pelbart (2007, p. 1) trata do plano de composição como “um plano de proliferação, de povoamento e de contágio. Num plano de composição o que está em jogo é a consistência com a qual ele reúne elementos heterogêneos, disparatados, e também como favorece acontecimentos múltiplos”.

Na tentativa de cartografar a maquinação afetiva que se dá a partir dos dispositivos on-line, das aulas em meio ao isolamento, dos movimentos de pesquisa e docência neste contexto, de atentar para como vou me conduzindo no processo de me produzir como professora e pesquisadora, penso que esta investigação possa atuar como um dispositivo de tecer relações entre as forças e intensidades nas quais esbarro nas produções afetivas/inventivas que acontecem nos encontros que me compõem.

Uma aliança que se faz no decorrer deste trabalho é com o escultor Antony Gormley, a partir de diversas obras que transpassam estes escritos. A escolha pela aproximação com este artista se dá há algum tempo nas aulas de arte com os alunos de ensino médio. Meu primeiro encontro com Gormley se deu durante em uma aula on-line de um curso chamado *Introdução à arte contemporânea*, no canal Casa do saber⁵. Naquela feita, a obra trazida pelo professor

⁵ ‘A Casa do Saber é um ambiente de debates e disseminação do conhecimento que oferece o contato com a cultura produzida pela humanidade de forma acessível e fiel às obras e seus criadores’. Trecho retirado da plataforma Casa do Saber, disponível em: <https://casadosaber.com.br/home/>.

para falar deste artista foi uma escultura chamada 'Bed (1980/81)⁶', ou ainda, cama. Esta obra participa de uma exposição em que o artista trabalha com "lugares de dormir". Bed trata-se de uma cama feita de muitos pães de sanduíche comprimidos e no lugar do que seria o colchão, há um buraco, uma concavidade em forma de corpo humano, espelhada em dois lados da cama. Eis que o professor ministrante esclarece que aquele corpo é moldado a partir do corpo do artista - que aliás repete este procedimento de fazer-se molde em diversas outras esculturas. Gormley comeu pedaços de 8640 pães que faziam parte de sua cama para dar corpo a ela. Essa retroalimentação do trabalho dele me fascina. Corpo que se faz material para a arte - corpo que faz arte - corpo que é obra - corpo que se alimenta da obra - obra que alimenta o artista. Um corpo-obra-artista.

Nesta pesquisa, olho para as esculturas e com elas enxergo meus próprios movimentos, vejo afetos que circulam pelas cenas e cenários apresentados como matérias da pesquisa, as possibilidades de invenção/criação que se dão mesmo em ambientes condicionados como a casa ou mesmo a escola.

Por que a sala de aula faz tanta falta? Tem muita coisa no campo da docência acontecendo para além da aula, mesmo que a mesma aula seja dada on-line e presencial, a aula vai para muito além do que o *Eu* quer ensinar. O que é ensinado ou o que é aprendido. Uma conversa, um sorriso, a interação social, um acidente que acontece e alguém vai ajudar, coisas que a professora não vê. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais temos a impressão de que o tempo da aula on-line não passa nunca... a tela do computador limita o

⁶ Obra disponível para acesso em: <https://antonygormley.com/show/item-view/id/2321/type/solo#p3>

inesperado, o que não foi planejado, o imprevisto. Eles ainda estão lá, mas de forma muito mais tímida, pelas contingências que este formato nos impõe. Só o fato de ser impossível que mais de uma pessoa fale ao mesmo tempo já é uma grande perda.

Nas realidades que se instauram (LAPOUJADE, 2017) a partir do ensino remoto emergencial, existe uma sala, mas é uma sala em que os alunos não têm rosto, não têm voz, não têm vez. Que aluno se cria em torno da aula on-line? Com os alunos, construímos um campo entre casa-escola-corpo-conteúdo-outrocorpo. Nesse espaço *entre*, a docência vai produzindo a si mesma no processo de participar da aula e produzir um eu revogável, maleável a qualquer tempo, um eu menor, que está sempre em devir. Esse eu miúdo, que não quer/pensa/cria, mas é produzido em meio a esses encontros, vai também pesquisando de um lugar menos fixo e mais disponível aos afetos e às possibilidades de invenção que se apresentam na docência-pesquisa, já que se desloca de um lugar de suposto 'saber', para surpreender-se com os sabores.

Nesse sentido, Gormley nos convida a fazer o quarto girar, desestabiliza o lugar do corpo. O que é corpo e o que é cenário? Onde estão os limites do corpo quando em relação? Onde termina o corpo do humano, o corpo do escultor - que foi usado como molde para suas criações - e onde inicia a parede, o cenário, o fora?

**O que é ~~casa?~~
~~escola?~~
~~pesquisa?~~
~~uma aula?~~**

A existência da casa ganha muito mais concretude em tempos pandêmicos: poderíamos pensar nela como um constructo, um abrigo, um lugar para suprir nossas necessidades básicas. Agora nossa vida gira ao redor da casa. Ela é também nosso trabalho, nosso lazer, nosso conforto. No início da pandemia morava em uma república com outras quatro pessoas. Quatro amigos. Convivência ótima. Quando começamos a ficar todos em casa o dia inteiro começamos a perceber que a casa tinha só um chuveiro, só um banheiro, não tínhamos cadeiras para todos, e que passávamos o dia dentro do quadrado que era o quarto de cada um.



A casa diminuiu e o corpo agigantou, não havia mais espaço para ele naquele lugar. Em nenhum momento aqui, nego os privilégios de ter um teto sobre nossas cabeças e não nos faltar nada, como infelizmente aconteceu com muitas famílias (algumas desde sempre, outras desde as mazelas trazidas pelo Covid-19 e todo o contexto que envolve o vírus).

A

CASA.



COM A ÁRVORE E O
SOL, O PRIMEIRO E O
MAIS FREQUENTE
DESENHO DAS
CRIANÇAS.

É ONDE FICAM

A MESA,
A CAMA E
O FOGÃO.

E O TRABALHO.

AS PAREDES EXTERNAS E O TETO NOS RESGUARDAM DE TODOS,
PARA QUE NÃO NOS DISSOLVAMOS NA VASTIDÃO DA TERRA; E AS
PAREDES INTERNAS, AO PASSO QUE NÃO FACULTAM O ISOLAMENTO,
ESTABELECEM RITOS, DEFINIDAS RELAÇÕES ENTRE LUAR E ATO,
DEMARCANDO A SALA PARA AS REFEIÇÕES E AULAS ON-LINE E
EVITANDO QUE ENGENDREMOS OS FILHOS SOBRE A TOALHA DO
ALMOÇO. ATRAVÉS DAS PORTAS, PLANEJAMOS, TEMOS ACESSO AO
RESTO DO UNIVERSO E DELE REGRESSAMOS E LAVAMOS
AS MÃOS; ATRAVÉS DAS JANELAS, O CONTEMPLAMOS, LEMOS UM LIVRO.
UM BANDO DE HOMENS FAZ UMA HORDA, UM EXÉRCITO, UM
ACAMPAMENTO OU UMA EXPEDIÇÃO, SEMPRE ALGUMA COISA DE
NOSTÁLICO E ERRANTE, UM AGRUPAMENTO DE **JKJK**
FAZ UMA CIDADE DE **HOME OFFICERS**; UM MARCO, UM PONTO FIXO, UM AQUI,
DE ONDE PARTEM CAMINHOS, PARA ONDE CONVERGEM ESTRADAS
E AMBICÕES, QUE ESTACIONA OU CRESCE SEGUNDO AS PRÓPRIAS
FORÇAS EMPREENDIDAS NO USO DE MÁSCARAS E SERÁ TALVEZ
DESTRUIDA, SOTERRADA, E MESMO ASSIM PODERÁ ESPLENDER
DE SOB A TERRA, EM SILÊNCIO, DAS TREVAS, POR VIAS DO SEU
NOME..

Osman Lins, Retábulo de santa Joana Carolina", 2003 - interferências da professora-pesquisadora



Se você fosse uma casa como seria o seu quintal?

Quais plantas estariam aterradas por lá?





E o teto que te encara toda noite. O que será que ele não pode escolher não ver?

Se pudessem falar, quais histórias seus muros contariam aos que estivessem do lado de lá?





Quantos gritos de amor ou de horror as paredes da sua sala segredariam?



Se eu fosse uma casa
eu te convidaria entrar.

•
•
•
•
•
•
•
•
•
•
•
•
•
•
•

E reparar a minha bagunça

•
•
•
•

A bagunça dos sons,
das gentes,
dos Bichos
e das coisas invisíveis.

26 de fevereiro
Sala lotada. Olhos atentos a me fitar.
Ô SÔOOORAAAAAA,
Quantos anos a senhora tem?
27, eu respondo.

Quem iria adivinhar que três semanas depois, os corredores que pulsavam com a movimentação de 300 corpos rondando o colégio, em um clima de reencontro ou de primeiro encontro, típico de início de ano letivo, iriam se esvaziar.

Promessa de retorno das aulas presenciais após 14 dias de quarentena, por conta de um vírus que acompanhávamos apenas pelas notícias do jornal e que teve início do outro lado do mundo.

Uma pandemia mundial.

Faz colocar tudo em cheque. Faz a gente pensar na fragilidade, instabilidade e felicidade da vida. Faz a gente pensar na morte. E na proximidade em que ela está. Desestabiliza. Afeta.

Professores, alunos, funcionários e famílias foram convidados a ressignificar muitas coisas. Sobretudo a ressignificar a escola. A importância dos encontros e da presença fica a cada dia mais evidente. As dificuldades e limitações aparecem cada vez mais em nosso trabalho com a educação condicionada à tela do computador e ao acesso

à internet. Por outro lado, como o professor Silvio Gallo disse em sua fala intitulada *Educar em tempos de pandemia*⁴ (2020), esse também pode ser um convite para pensarmos outras possibilidades em educação. Pensar no que é possível construir com a realidade que se apresenta.

Quantas escolas vivem dentro da escola?

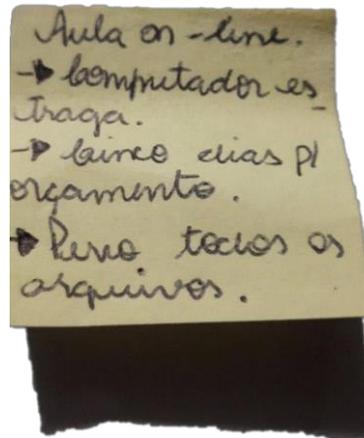
Proponho que olhemos para algumas das escolas possíveis a partir desses ensaios.

Assim como eu, meu trabalho e minha escrita foram sacudidos pelos afetos que atravessam o isolamento. Essa escrita, que desde o início tinha o objetivo de olhar para a escola, continua olhando para ela, entendendo agora que ela mudou. Nos últimos 2 anos o cenário da minha aula foi a parede do meu quarto, com cabos de internet que eu grudei com fita crepe ou o sofá da sala com uma bagunça nas laterais que arrasto para um canto para não aparecer na filmagem. Assim como os diferentes contextos de cada um dos alunos, sejam eles quartos, cozinhas, ou mesmo as bolinhas com as iniciais do nome que aparecem nas janelas das chamadas de vídeo entraram o ambiente que estamos chamando ultimamente de escola.

Podemos dizer que a escola expandiu. Alargou. Desdobrou.

⁴ Live on-line: *Educar em tempos de pandemia*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=n6-nGmpfn2U>>. Acesso em 3 de maio de 2020.

Tristeza, desesperança, medo.



Os afetos que atravessam esta cena de pesquisa em um primeiro momento são despotencializadores, desestabilizadores. Porém, aquilo que desestabiliza também nos convoca a produzir, a reorganizar o já arranjado, o já dado. O desequilíbrio pode ser também potência para invenção.

Viajo para a casa dos meus pais em busca de amparo, de acolhimento. Parece que a casa dos pais é construída de amor e recheada de carinho. Um ambiente seguro para expor as fragilidades da pesquisa.

Não tendo computador, me vi no labirinto. Ingold (2015) nos traz imagens do dédalo e do labirinto, dizendo que no dédalo, temos um conjunto de caminhos possíveis, porém todos (ou a maioria) levam ao fim da linha, que fica localizado no mesmo lugar. Já no labirinto, o caminho é um só, porém no caminhar temos alguma possibilidade de movimentação. Para que lado ir? Como?

O caminho a ser seguido era um só: escrever à mão com minhas próprias palavras em um caderno. Construí algumas páginas que aqui estão presentes, nesses dias na casa dos meus pais. Em meio à pandemia, em meio aos afetos tristes, em meio ao ensino remoto emergencial, em meio aos sufocamentos do ano de 2020.

A casa estava presente também neste momento como intensidade que atravessa a pesquisa.



**ASA
ORPO
ALA
APA
ATA
APTA
AGA
AMA
AVA
URVA
HORA
HUTA
OME**

Educação em tempos de isolamento: *um dia com Espinosa*⁵

À meia-noite entrou pela janela.

As portas estavam todas lacradas.

Tentou primeiro a basculante do banheiro, ela não abre inteira. Calculou que seu corpo só caberia se fosse extremamente magro e baixinho.

Caminhou pelo parapeito até a janela do quarto e descobriu grades do lado de fora. A vista dá para o teto dos prédios ao redor, porém, em setembro, é possível ver através do canto direito dela o pôr do sol e a cúpula de uma igreja.

Olhando para a esquerda viu que a janela da sala dá para uma sacada. Aquela era a mais propícia de ser utilizada caso alguém estivesse planejando invadir o apartamento. Não havia acesso entre a janela-quarto e a janela-sala. A dificuldade seria descer e escalar as outras sete sacadas até chegar ao oitavo andar do prédio novamente.

Deparou-se com os desafios de cada uma das janelas da casa e quase desistiu da invasão, quando percebeu uma que eu mesma havia deixado entreaberta na noite anterior.

Ele encontrou uma fresta bastante acessível.

⁵ O título deste capítulo é emprestado do curso *Um dia com Espinosa*, ministrado pelo Prof. Dr. Clóvis deBarros Filho, disponível na plataforma Casa do saber.

Alargou a janela do canto esquerdo com as mãos e adentrou o quarto pela tela do computador.

Parou na minha frente. Eu sentada, e ele em pé me intimidando através de um olhar profundo e de sua própria altura comparada a minha.

Sussurrou em meu ouvido palavras sobre algo que chama de afetos.

MEdO
A MOR
iNSEGURANÇA
RAIVA
ÓdIO

Quando pensei que havia terminado, ele levantou a voz e falou outras duas palavras. Essas, tinham uma relevância diferente para ele.

ALEGRiA
TRiSTEZA

Depois de mais calma após sua entrada inusitada e de algum tempo sem entender o que afinal ele queria comigo, percebi que ele começou a se interessar pelas reações que eu esboçava em meio ao nosso encontro.

Em uma tentativa de aproximá-lo de mim, procurei uma maneira de tirá-lo da posição de superioridade em que se encontrava até então.

Puxei outra cadeira para perto da escrivaninha e o convidei para sentar ao meu lado.

Às seis da manhã o convidei para um café.

Ele me confidenciou coisas nas quais acredita... contou que chama de alegria os afetos positivos, aqueles que aumentam a potência de vida. E os negativos, os que a diminuem, chama de tristeza.

Na hora do almoço ele já estava muito mais simpático, parecia aberto ao diálogo. Contei-lhe que eu sou professora de arte e dança e ele retribuiu me contando sobre o corpo. Disse das possibilidades do corpo. Que o corpo pode o tanto que está disponível para afetar e ser afetado. Pensei no corpo como uma janela para o mundo. Umas mais abertas, como a do computador, pela qual ele facilmente entrou, ou de vidro, daquelas que dá para enxergar o que tem do outro lado, e outras com grades grossas, muito difíceis de abrir.



Às seis da tarde comecei a olhar para ele com outros olhos. Tentei enxergá-lo como alguém com quem seria possível eu tomar um chá com biscoitos, e não mais como aquele que está acima de mim, me fitando por cima do ombro. Afinal, já passaram muitas horas, ele está em minha casa como convidado e nesse tempo todo aceitou sentar lado-a-lado para conversar comigo.

Depois de muitas perguntas, confessei a ele que tenho alguma desconfiança sobre como a escola trata dos afetos. Certas vezes me parece que educamos e somos educados para separar e classificar alguns afetos como ruins/errados e outros como bons/corretos e que todos os alunos deveriam percebê-los ao mesmo tempo, do contrário era melhor não demonstrar, não olhar para os afetos.

Ele cochichou em um ouvido alheio através da janela e outra boca me disse que nunca teve uma aula sobre tristeza na escola. Quando alguém se sente triste, aprende a parar de ficar triste porque é hora de falar de outra coisa. Logo, aprendemos que manifestar tristeza é um erro e escola não é lugar para falar dela. O lugar da educação é um lugar higienizado de afetos. Ou, ao menos, desinfetado dos afetos considerados desimportantes e indesejados.

Em meio a essa enxurrada de informações, me perguntei a respeito do papel da arte na educação dos afetos. Ele chama de sábio aquele que sabe melhor identificar seus afetos, não os nega, e sim olha os afetos no seu tempo. Então o tempo de olhar para os afetos não é o

que escola diz que deve ser, pelo simples fato de que ele é único para cada pessoa.

Olho no relógio e já está perto da meia-noite.

Antes dele partir, coloquei sobre a mesa alguns questionamentos ainda sobre educação e arte.

Se as possibilidades de aprendizagem habitam o corpo de quem é disponível a elas, não poderíamos, então, pensar a arte como um disparador desses processos?

Nos confrontar com uma obra não seria o mesmo que se predispor à afetação?



Envolve a disponibilidade de ser afetado, disponibilidade de encontro e agenciamento com algo que não sei o que é, e pode ser bom, ruim ou indiferente e todas as nuances entre bom, ruim e indiferente.

Proponho, assim, pensarmos sobre educação dos afetos. Uma escola e uma pesquisa que propõem a construção de um olhar atento sobre os afetos, propõe problemas e não respostas fixas a partir deles, já que os afetos estão sempre por se fazer. Opera, assim, no âmbito da invenção/criação e não da reprodução de formas prontas, mas implica na construção constante de trajetos formativos (MOSSI, 2020), como a constituição de caminhos em multiplicidade que se abrem a encontros inusitados. Não sabemos o que surgirá destes encontros, mas ainda assim arriscamos apostar neles.

.
. .
. .
. .
. .
. .
. .
. .

Entrego a ele uma senha e o convido para voltar na semana que vem. Neste mês inteiro estou sozinha e em casa.

Como resposta ao convite que me fez nessa visita, o de cartografar os meus próprios afetos em meio à pandemia, no cenário da casa-escola, proponho um abcdário do isolamento:

ALFABÉTICO DO ISOLAMENTO:

ANULAÇÃO. APARTAMENTO. APATIA. ALCOOL.

BRANCO. NA PAREDE. NO TETO. NO APARTAMENTO. POR TODO LADO.

CRISE POLÍTICA. CRISE NA SAÚDE. CRISE ECONÔMICA. CRISE EMOCIONAL. CHORO.

DIMINUIÇÃO DE POTÊNCIA. DIMINUIÇÃO DE CIRCULAÇÃO. DIMINUIÇÃO DE LEITOS. DIMINUIÇÃO DE RESPIRAÇÃO. DIMINUIÇÃO DE VIDA. DESGASTE. DISTANCIAMENTO.

ENSINO A DISTÂNCIA. ENSINO ON-LINE. EDUCAÇÃO DO FUTURO.

FALTA DE VONTADE. FALTA DE ENERGIA. FALTA DE CORAGEM. FALTA.

GERENCIAMENTO DO TEMPO. DO EMPREGO. DA DISSERTAÇÃO. DO SALÁRIO. DA ROTINA.

HIPÓTESES. DE CURA. DE SAÍDA. DE RESPIRO. DE FUTURO. DE PRESENTE.

INÉRCIA.

JANELA POR ONDE ENXERGO O POSTO DE SAÚDE QUE FICA DO OUTRO LADO DA RUA. LIVES.

MEDITAÇÃO. MÁSCARA.

NÃO ENTENDO COMO ALGUNS PODEM PRODUZIR TANTO.

OTOCENTAS MORTES EM UM DIA.

PANDEMIA. PESO.

QUATRO MIL DUZENTAS E QUARENTA E NOVE MORTES EM UM DIA.

RESPIRADOR MECÂNICO.

SOBRECARGA. SOBREPESO.

TELE ENTREGA. TELE TRABALHO. TELE CHAMADA.

UTILITARISMO.

VERSATILIDADE. VOLATILIDADE. VIDA.

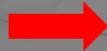
XENOFOBIA.

ZOOM.



entre afetos e
memórias
Quem
afetado por algo. Logo, Monimado
nomes dirigidos a criar.
Imitar a potência criada.
ou.
Mas não há potência de viajar
em quem que
onde haja

A tristeza também nos faz produzir variação. Gostaria de convidá-los a ouvir uma trilha que estive, nos anos de 2020 e 2021, entre os afetos que atravessaram esta pesquisa:



<https://www.youtube.com/watch?v=t0TXIZC8ZYE>

Muitas vezes ao longo desses últimos anos me senti esvaziada, esvaziada, esgotada, sem muito a oferecer.

Vivemos tempos de cobranças acerca da produtividade. Tempos de aulas a distância, de todas as demandas que pudermos pensar e aquelas que nunca havíamos imaginado existir. Professores que trabalhavam presencialmente e hoje precisaram se adaptar às aulas remotas, e aqueles que nunca haviam ministrado aula a respeito de nada e viram na quarentena uma oportunidade de novo mercado para empreender. Tempos em que a economia vale mais que a vida. Essa incessante busca por um produzir tem, muitas vezes, me paralisado e desmotivado. Tenho lidado com afetos extremamente despotencializadores durante este período de isolamento.

TUdO é MUITO. TUdO é NAdA.

TUdO é POUCO.

Ao mesmo tempo, é bonito observar aqueles que conseguem produzir tanto em meio à pandemia. Inúmeras lives ocorrem diariamente, recebo via whatsapp diversas obras de videodança produzidas por artistas de diversas partes do Brasil. Como ressalta Adriana Azevedo (2011, p.3) “cada indivíduo é um conjunto de composições singulares [...] vamos perceber que há uma variação de afetos de que um indivíduo é capaz de acordo com seu modo singular de existir”. Sendo assim, podemos pensar que os mesmos acontecimentos atravessarão cada pessoa de formas diferentes. Admiro aqueles que têm fôlego para fazer vibrar suas produções nos tempos em que vivemos, mas houveram momentos em que esta me parecia uma tarefa um tanto quanto distante da minha realidade.

Lutamos para que nossa potência de vida permaneça positiva, porém não há como sabermos da alegria sem sentirmos a tristeza, como não há o contorno sem o buraco. O que falta e o que há no mundo são duas faces da mesma moeda. Não há desenho sem o branco da folha. Afinal, as tristezas podem nos deslocar e forçar a criar uma forma de colocar um modo de vida mais afirmativo em jogo.

Não quero aqui romantizar o sofrimento, ou ainda, dizer que foi ou está sendo fácil, mas sim afirmar que acolher os afetos, é uma das movimentações mais importantes desta pesquisa e foi a partir da composição *com* esses afetos – desmotivação, cansaço, tristezas - que atravessaram o(s) tempo(s) presente(s) que seguimos vivendo, criando, escrevendo, lecionando e pesquisando, e não apesar deles.



o corpo quer descer o ralo
o corpo quer sair do armário
o corpo quer open the box
o corpo quer se ver no espelho
o corpo quer abrir o close
o corpo quer descer escada
o corpo quer pegar estrada
o corpo quer correr na rua
o corpo quer andar nua
o corpo quer fazer um show
o corpo quer dublar rupaul

como produzir em meio à pandemia? que afetos transpassam o isolamento? que invenções ocorrem em meio ao isolamento? o que pode um corpo em quarentena? como lançar pedra n'água quando não se tem energia? que forças estão presentes nos tempos pândemicos? que movimentos de docência e pesquisa são possíveis com esses afetos e essas possibilidades de invenção?

Quarto de casa. Aula on-line.
Tempos de isolamento. Coleção milita
2º trimestre. Recebo uma atividade manu
al com a temática "cultura popular bra
sileira". Um aluno manda um e-mail per
guntando se pode fazer acarajé. Eu não
queria deixar, havia pensado em algo
mais próximo de uma cultura, com ma
terial reciclável ou algo do tipo. Digo
a ele que faça algo mais duradouro.
Ele responde o e-mail perguntando se
pode fazer charque.

que afetos transpassam o isolamento? que invenções ocorrem em meio ao
isolamento? o que pode um corpo em quarentena? como lançar pedra n'água
quando não se tem energia? que forças estão presentes nos tempos pândemicos?
que movimentos de docência e pesquisa são possíveis com esses afetos e essas
possibilidades de invenção? como produzir em meio à pandemia?

Essas são questões que se desdobram em relação àquela primeira e que atravessam a escrita desta dissertação. Portanto, atravessam também o modo como tenho me constituído professora e pesquisadora nesse contexto. Os tantos espaços em aberto e as ideias apenas ensaiadas ainda por serem melhor aprofundadas, dizem das palavras e imagens que me faltam para dizer do presente, daquilo que está ainda por se fazer e que ainda não tem forma, traço ou gesto possível.

EXÉRCITO
LIBERDADE

AUTONOMIA PARA EXPRESSAR-SE CONFORME SUA VONTADE

EXÉRCITO
LIBERDADE

AUTONOMIA PARA EXPRESSAR-SE CONFORME SUA VONTADE

EXÉRCITO
LIBERDADE

AUTONOMIA PARA EXPRESSAR-SE CONFORME SUA VONTADE

MILITA

EXÉRCITO
LIBERDADE

AUTONOMIA PARA EXPRESSAR-SE CONFORME SUA VONTADE

MILITOU

MILITARISMO

EXÉRCITO
LIBERDADE

AUTONOMIA PARA EXPRESSAR-SE CONFORME SUA VONTADE

MILITANTE

MILITANDO

EXÉRCITO
LIBERDADE

AUTONOMIA PARA EXPRESSAR-SE CONFORME SUA VONTADE

MILITARÃO

EXÉRCITO
LIBERDADE

AUTONOMIA PARA EXPRESSAR-SE CONFORME SUA VONTADE

EXÉRCITO
LIBERDADE

AUTONOMIA PARA EXPRESSAR-SE CONFORME SUA VONTADE

MILITE

MILITE

EXÉRCITO
LIBERDADE

AUTONOMIA PARA EXPRESSAR-SE CONFORME SUA VONTADE

EXÉRCITO
LIBERDADE

AUTONOMIA PARA EXPRESSAR-SE CONFORME SUA VONTADE

MILITA

MILITANTE

militar

Exército Liberdade: autonomia para cumprir sua vontade. O ano: 2019. Avaliação do último trimestre de aulas: produção de um espetáculo que envolva a participação dos alunos do primeiro ano do ensino médio. Temática: livre. Criação de roteiro, produção, divulgação, composição coreográfica: por conta dos alunos. Eis que um aluno aparece com uma sugestão de roteiro: reino no qual o governante era um rei tirano, que expulsou os estrangeiros de suas terras e matou sua esposa por pensar que ela havia o traído. Povo: escravizado, vivendo em meio à miséria. Heróis da história: grupo de rebeldes que oferecem resistência ao governo - posteriormente se descobre que a líder do grupo rebelde era filha do rei. Um grupo de personagens curioso: o exército. Soldados que trabalham para o rei tirano, pois o rei possui acesso às famílias destes e eles temem por seus entes queridos. No decorrer da narrativa, instigados pela coragem de dois forasteiros, a maior parte dos integrantes do exército se junta ao grupo de rebeldes para enfrentar o rei.

Agora eles se autoneameiam Exército Liberdade: autonomia para cumprir sua vontade. O nome e lema do exército, agora livre, aparecem em adesivos que os alunos mandaram fabricar com o intuito de colar no peito, como um brasão.

MILITIA

MILITANTISMO

MILITOU

Espaços de/para/em criação

Pensar na construção de sensibilidades mais do que de sensatez (OBREGÓN, 2007) é uma ideia que me parece potente ao ensaiarmos espaços de/para/em criação. A sensatez é uma forma de sensibilidade, mas está mais próxima dos afetos despotencializadores, muitas vezes relacionada ao medo e não a um aumento de potência já que produz, de certa forma, um disciplinamento do corpo. Em um colégio militar, apresenta-se em forma de desafio no cotidiano de uma professora de arte em meio a um ambiente que estimula a competitividade pelas mais diversas vias, desde punições para quem não estiver com o uniforme da maneira correta a primeiros lugares em provas e olimpíadas.

Em seus escritos sobre uma educação menor e a ideia de professor militante, Silvio Gallo (2002) nos convoca a pensar o professor como o pequeno "faz-tudo" do dia-a-dia, a cavar buracos, a minar espaços, oferecendo resistências, enfim, como aquele que procura viver as situações e *dentro* dessas situações vividas tenta produzira possibilidade do novo.

Nesse sentido, e no caso mais específico da docência em arte, a resistência tem sempre uma estreita relação com a noção de criação/invenção, já que, segundo Mossi (2020, p.11), "de acordo com uma concepção mais ampliada" de arte, ela poderá se referir não somente à arte enquanto objeto a ser contemplado, mas especialmente

[...] à arte de nós mesmos, à possibilidade de criarmos resistências/re-existências em nossa existência, a uma postura artística diante da vida e de povoamentos afirmativos dos territórios de subjetivação, incluindo o da docência. Povoamento

como ocupação de certo espaço-tempo com composições de palavras escritas/lidas e imagens que convidam ao pensamento enquanto criação, povoamento como invenção de rotas que abrem possibilidades de futuros e de aprendizagens. Povoamento enquanto criação, portanto. Criação que é sempre resistência/re-existência e insistência.

Que lugar é esse em que me encontro em um colégio militar e que não é o da competição, mas o do compartilhamento, da criação coletiva?

Quando na leitura dos escritos de Gallo (2002), se passaram diversos questionamentos em mim, além deste primeiro:

Que corpo-professor é esse que está se posicionando politicamente na escola?

Por que trabalhar em um colégio militar?

Como trabalhar em um local como um colégio militar?

Para que sigo trabalhando com arte nesse lugar?

Que lugar é esse em que me encontro em um colégio militar?

O que o corpo pode criar nessa escola?

O que eu posso com o corpo que eu sou?

A formulação de perguntas me auxilia a estar constantemente em vigilância acerca de minha profissão e das trocas que desejo vivenciar com os alunos. “Questionar é uma maneira de interromper a repetição maníaca das ideias que se pretendem conservar. A pergunta, o problema, produz desvio” (LAGES, 2014, p. 578).

Resistir é habitar o lugar onde estamos. Educar com a fúria e a alegria de um cão que cava seu buraco. Educar escavando o presente, militando na miséria do mundo, de dentro de nosso próprio deserto (GALLO, 2002). Comer pelas beiradas, conquistar pequenos espaços. Defender a escola esta em que estou. Defender o meu trabalho. Defender o lugar da arte. Negociar espaços para invenção. Lidar com o que falta. Que bom que estou aqui.

Que reverberações do movimento da pedra na água são possíveis através do trabalho em arte em uma escola de viés militar? O encontro entre pedra-corpo-água é diferente a cada vez que acontece, quando uma mesma pessoa joga a mesma pedra n'água, quando a mesma pessoa joga diferentes pedras n'água, quando diferentes pessoas jogam diferentes pedras n'água – o encontro é sempre único. Por mais coreografado que o movimento seja, a água e a pedra e o corpo não irão reagir da mesma forma em mais de uma vez.

Segundo Virgínia Kastrup:

A arte contemporânea visa produzir experiências de estranhamento. A pergunta que ela suscita não é tanto “isto é belo?”, mas “isto é arte?”. Mais uma vez, estamos diante da incerteza. Mas insiste a força do enigma, a potência do que não é conhecido, sabido e esperado. Somos forçados a pensar, a ir além. Acolhere habitar incertezas é uma questão de aprendizagem. Aqui, não se trata da aprendizagem mecânica ou intelectual, nem daquela que se baseia na transmissão de informações. A educação não é uma questão de informação, nem de explicação, nem de formação de opinião. A questão aqui é a da aprendizagem inventiva, que inclui a capacidade de problematizar, de criar novos problemas. Trata-se de instaurar uma política cognitiva da invenção (KASTRUP, 2016, p. 4).

Muito desta pesquisa foi construída a partir do trabalho com/em arte e do entendimento da arte como potência problematizadora, como algo que pode abrir campo para a experiência

inventiva (DALMASO, 2014). Proponho visualizarmos uma cena que para mim diz muito da invenção que atravessa a escola, cena essa vivida no contexto da educação infantil, da rede privada de ensino, com crianças de 2 a 5 anos:

Certa feita, propus aos alunos da educação infantil que experimentassem imitar os sons de alguns animais. Até que, depois de vários efeitos sonoros acompanhados de movimentação do corpo, uma fala minha: e a abelha? Como ela faz? Eis que uma aluna com idade não maior que três anos me olha e diz:

mel.



Gostaria de convidá-los a assistir um pequeno vídeo:

<https://pt.videezy.com/abstrato/21304-pedra-criando-ondas-no-lago>

O CHATO É O LEGAL

RE-VISITA DOS ARQUIVOS

FAZER A CARTOGRAFIA DO TRABALHO

A inovação é uma potência que atravessa
todas as faculdades:

Memória inventiva,

aprendizagem inventiva

Invenções presentes como potências

Encontros não tem como se separar do afeto

Amigos



Imaginemos que é início de um novo ano letivo e não temos material escolar à nossa disposição. Muitas vezes reaproveitamos aquele caderno utilizado no ano anterior, deixando de lado algumas páginas e começando a escrever nas que estão em branco. Pois bem, quando abri o caderno docente ‘do ano passado’, ele continha algumas das cenas que aqui estão presentes. Cenas pré-pandemia, que dizem de uma outra escola, de antes do ensino remoto emergencial, máscaras e isolamento social.

As cenas que emergem dessa antiga escola, ajudaram a formular a problemática de pesquisa, estavam presentes na ocasião da qualificação desta dissertação e as coisas que pensamos com elas nos acompanharam na operação com as cenas ao longo desses escritos. Apesar dessas cenas terem ocorrido em outro tempo, com outros afetos e outras invenções, seus tensionamentos, manipulações e movimentos dizem de um tempo presente.

A professora Sandra Corazza (2002) propõe que pensemos a pesquisa com um hífen ligando-a ao ensino, sendo a “pesquisa-que-procura” (CORAZZA, 2002, p. 2) sempre uma pesquisa-ensino. Assim, me constituo professora no processo de ensinar e me constituo pesquisadora no processo de pesquisar. Bem como me constituo professora no processo de pesquisar e pesquisadora no processo de professorar. Pesquiso enquanto professoro e me constituo professora quando escrevo. Quem eu sou como pesquisadora está se produzindo no momento da escrita. Inventar-se enquanto mestre. Este é também um processo de formação que traz à tona a disponibilidade de um pesquisar-se.

Que outras formas de dizer as coisas
existem no mundo?

Não seria então nossa responsabilidade enquanto pesquisadores não apenas criar aquilo que colocamos no papel, e sim cartografar as intensidades que estão ao nosso redor? Pensar em como vamos nos conduzindo no processo de nos produzir como professores e pesquisadores? Uma docência que acontece em interface com a pesquisa e vice-versa. Escrever porque não se sabe, na tentativa de fazer com que as palavras procurem por elas próprias e disputar os sentidos em educação sem perder a poesia enquanto fazemos isso.

Busco, como prática de vida, perseguir “a pesquisa-que-procura” e ainda ser capaz de captar outras cenas, pensando em disponibilizar-me, em me “colocar à espreita de possíveis brechas inventivas” (KNEIPP; MOSSI, 2019, p. 9), para me conectar com os espaços que cavamos na(s) escola(s) e dar luz aos pequenos acontecimentos.

Porto Alegre, novembro de 2021

Carta aos leitores:

Acredito que, de onde quer que vocês se encontrem durante esses dias de isolamento, poderão pensar por um instante junto comigo, quando digo que a trajetória acadêmica é uma coisa esquisita. Em breve explicarei alguns dos porquês.

No decorrer de minha escrita acredito que deixei escapar alguns excertos sobre mim (assim espero), mas ainda tenho certas palavras que gostaria de enviar a vocês, de modo a finalizar esta dissertação.

Durante a graduação em dança eu me via como uma das únicas da turma a gostar de ir até o prédio da FACED/UFRGS e assistir às aulas dos professores 'da educação'.

Comecei a pensar que um dia queria adentrar aquele prédio para cursar o mestrado.

Demorei até pensar que estava pronta para tentar e fracassar.

Fiz uma pós-graduação (especialização) em Motricidade Infantil antes disso.

Fiquei sem estudar um ano antes disso.

Digo fracassar porque imaginava que deveria fazer a prova do mestrado apenas quando me sentisse pronta para lidar com uma reprovação.

Medo é um dos afetos que mais atravessam meu caminho... e assim como tudo que me

compõe, o medo atravessa também estes escritos.

Enquanto escrevia demorei muito para me conectar com a pesquisa, talvez por pensar que não era digna de ocupar um lugar como acadêmica no mestrado em Educação. Escrevo Educação com E maiúsculo por me referir às instâncias majoritárias que essa palavra carrega. E talvez eu ainda não seja a pessoa ‘certa’ para estudar em um local da Educação. Mas algo que tem se mostrado desde que iniciei a pesquisa de mestrado foi que eu não quero fazer parte da Educação-com-letra- maiúscula e sim estudar, compor, pensar com/a/em educação. Construir caminhos outros na escola como professora, e da mesma forma como pesquisadora. É difícil me enxergar ocupando esses dois lugares ao mesmo tempo.

Quando fiz a prova para entrar no mestrado escrevi, tanto no memorial descritivo quanto na prova escrita – documentos que, na ocasião, compunham o processo seletivo - que gostaria de escrever sobre afeto. Não sabia que era mais de um. E ironicamente a conexão com os afetos tristes foi imprescindível para a construção da dissertação que aqui se apresenta. No meio do caminho me senti insuficiente muitas vezes e foi na insuficiência, naquilo que falta, no que eu não sei, que encontrei a potência necessária para escrever. Escrevo e mais do que nunca busco me disponibilizar para os afetos que me atravessam.

No decorrer deste caminho está acontecendo uma pandemia mundial de proporções jamais vistas. Um acontecimento histórico de tamanha importância que penso que iremos demorar muitos anos para digerir. Pois bem, engolimos tudo sem mastigar.

Um dos movimentos mais importantes deste estudo foi a tentativa de escrever sobre escola estando longe dela, mas a escola ganha também um novo sentido. Não são as

condições ideais, é claro. Mas quando os professores lidaram com as condições ideais? Com todas as ressalvas a estes tempos de morte, de doença, de decadência de saúde mental, o isolamento social me trouxe outras possibilidades. De olhar para mim e me aceitar, me acolher. De propor outras práticas para meus alunos, de ficar inerte até o corpo não aguentar mais e implorar por movimento.

Há alguns meses meu computador estragou e eu perdi tudo o que estava salvo dentro dele. Entre os arquivos estavam os escritos dessa pesquisa, que semanas depois seria submetida ao processo de qualificação. Naquele momento, me vi impotente, triste de uma forma que nunca tinha me sentido até então. Até essa catástrofe foi relevante para que eu continuasse. Aliás, acho que foi o principal impulsionador da pesquisa que aqui se apresenta, pois ela não é aquela que perdi. Ela é uma pesquisa outra, que foi escrita a partir de novos afetos, conversas, movimentos.

Assim como a pesquisa, a sala de aula também mudou. Sempre fui uma pessoa que anota muito. Em cursos, em aulas, em palestras. Quero anotar o máximo possível para que eu tenha algo escrito que me faça lembrar das falas importantes que ouvi. Ficar sem as aulas presenciais do mestrado foi algo que me tirou o chão.

Afinal eu, sempre ‘insuficiente’, precisava de algo que me preenchesse para que pudesse escrever. Aulas que me faziam voltar para casa com 8 páginas de anotações, um turbilhão na cabeça, querendo contar pra todo mundo sobre as discussões que ocorreram em sala.

A escola se constitui de muitas escolas. Uma delas, com todos as faltas, defeitos,

insuficiências, está sendo a escola do ensino remoto emergencial. Mas o prédio da escola guarda encontros que a janela do computador não consegue abarcar. Ela é muito pequena pra gente fazer uma roda. Se abraçar. Olhar diretamente nos olhos de alguém. Mesmo assim, compomos com ela durante este tempo. Algumas aulas parecem que foram dadas para ninguém (além das bolinhas dos perfis das chamadas de vídeo) e, em outras, estão sendo construídas coisas muito bacanas. Do jeito como acontece nas aulas ‘normais’.

Este trabalho foi composto por muitos movimentos. Está sendo escrito por uma professora e pesquisadora que se debate em casa para construir algo. De todos os movimentos que ainda estou trilhando, me acolher foi primordial para aceitar que escrita se faz também com impotência, com tristeza. Lidar da melhor forma com a realidade que se apresenta. *Traçar caminhos em/com a realidade que temos.* Este tem sido um mantra que ouvi do orientador desta pesquisa ainda nos primeiros meses no mestrado e que repito a mim mesma desde então. Às vezes ele precisa me lembrar.

Dentre os movimentos de criação/invenção, está a criação/invenção de si. A criação/invenção que está sempre se fazendo, de uma professora e uma pesquisadora que se coloca com uma postura à espreita, que busca abrir os olhos para brechas inventivas, polir as lentes para enxergar mais. Enfim, são coisas muito sutis, mas que mudam muito a forma como a gente vê a vida ao nosso redor. A invenção não é um privilégio de alguém, e nem produção de um sujeito individuado e unívoco, e sim, de engendramentos coletivos, nos quais diversas interferências podem acontecer. Não faz mais sentido pensar na criação como ação do Eu majoritário, que se senta e pensa “agora vou criar!”, mas entender que a invenção está

presente em todos os momentos, e somos mais seu produto do que sua causa. Cabe a nós capturarmos a invenção que ocorre ao nosso redor.

Penso, também, enquanto professora, em como trazer a inventividade para dentro das aulas, como propor práticas que não queiram chegar a um resultado único e ‘correto’, e sim que queiram abrir possibilidades e fazer ventilar os espaços da educação. Não pensar em uma resposta certa, na solução dos problemas, e sim em desdobrar estes problemas. Pensar mais em *quantos movimentos a galinha pode fazer* e menos em *a galinha faz cococó*.

Em meio aos afetos, as reverberações que se sobressaem são justamente as tristes, a diminuição da potência enquanto dissonância, variação. Da impotência, da falta, extrair um modo de vida mais afirmativo. No sentido de que mesmo *com* - e não apesar de - tudo que vivemos nestes dois anos, as perdas, as mortes, os medos e as tristezas, se produzem coisas boas também. Encontros que aumentam a potência de agir. Mesmo diante do contexto atual, há também alegria. Alegria por estar viva. Alegria por ter a oportunidade de trabalhar em minha formação. Alegria por ter saúde. Alegria pelas coisas mais simples. E continuar pensando na máxima ‘o que eu posso realidade que eu tenho?’ Com esses afetos, o que se pode criar? A professora Luciana Paludo costumava dizer uma frase em aula que pego emprestada que é ‘o que eu posso com o corpo que eu tenho hoje?’ Ou ainda, O que o corpo que eu sou hoje pode gerar?

Quando na leitura de Latour, de ‘Como falar do corpo?’ Me perguntava sobre aprender a ser afectado e me peguei pensando em como algumas pessoas não sabem ser afetadas, simplesmente porque não se disponibilizam para nada. Pessoas tão cheias de si,

cheias de certezas, que pensam não ter mais o que aprender e partilhar. Pessoas cuja palavra preferida é 'não'. E assim se fecham em rigidez, se fixam em um *Eu* todo-poderoso que pensa saber sobre tudo e acabam ficando “insensíveis, mudas, mortas” (LATOURE, 2008)

Latour nos convida a aprender a ser afectados, a nos tornarmos corpos sensíveis às intensidades que nos atravessam, e pensar o corpo como “aquilo que deixa uma trajetória dinâmica através da qual aprendemos a registrar e a ser sensíveis àquilo de que é feito o mundo”. Quanto aos afetos, disponibilizar-se, atentar-se, sensibilizar-se, abrir brechas, frestas, rupturas no corpo. Tornar-se poroso.

Nos movimentos de docência e pesquisa a captura de cenas fez com que me mantivesse atenta, cenas que se passam em torno da docência e da pesquisa e que poderiam passar sem deixar rastros, marcam, compõem e se aliam à escrita para forçar o pensamento a pensar. Pensar nos alunos como participantes da pesquisa, e não em serem apartados do que se faz na academia, assim como a pesquisa-que-procura não pode ser vista como separada da vida. O trabalho no âmbito do grupo de orientação, tem trabalhado com a ideia de que os conceitos importam menos do que a relação que traçamos *com* eles.

Conceitos, autores, livros e artigos compõem com o corpo e com a vida e com tudo que a atravessa.

O contexto da pandemia nos diz da relação que temos com a casa e do modo de existência desta casa ganhando concretude. A transformação/transmutação da escola em uma tela de computador - e ainda preciso destacar que meus alunos tiveram o privilégio de conseguir ter esse acesso pela tela, que não é a realidade da maioria das escolas públicas - fez

com que trabalho, educação e moradia acontecessem de forma simultânea em um mesmo ambiente. O corpo quer, o corpo quer, o corpo quer. Afinal, o que o corpo tanto quer? O corpo quer escola. O corpo quer encontro com os alunos. O corpo quer estar perto, trocar juntos em sala de aula, o corpo quer corredores do colégio.

O corpo se sente insuficiente, se sente faltoso, se sente desejoso, mas luta para tirar algo disso, para produzir algo com isso.

Com os olhares, pensamentos e afetos que me atravessaram até o presente momento, foi possível a construção da dissertação que aqui se apresenta. Pretendo trilhar os caminhos a seguir procurando abrir cada vez mais os olhos, em uma tentativa de disponibilizar-me para os afetos que ainda irão me compor a partir daqui. Este é, e quer continuar sendo, um trabalho escrito *sobre, com e a partir* dos afetos que me constituem, conectado com o tempo presente, o aqui e agora.

Nos vemos em breve.

Gentilmente, Fernanda.

Cena final , ou ainda: que corpos habitam os rostos por trás das telas?

Entro na sala e há dois alunos sentados ao fundo.

Um em cada canto.

Foi-me dito que não posso circular.

Eles não podem se aproximar.

Quem está em casa não os ouve.

Os de casa estão quietos.

Vocês estão aí, gente?

Um ou dois dizem que sim, que estão entendendo.

Os outros não sei se estão mesmo em aula ou entraram na chamada apenas para não ganhar falta.

Falta.

REFERÊNCIAS:

- ANTUNES, Arnaldo. 2 ou + corpos no mesmo espaço. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- AZEVEDO, Adriana Barin de . A arte dos afetos em Deleuze e Espinosa. Alegrar (Campinas) , v. 7, p. 1-11, 2011.
- BARROS, Manoel. Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2011.
- CARDONETTI, Vivien Kelling; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Escrita acadêmica: repercussões e ressonâncias propagadas em um coletivo. Contrapontos. Itajaí, v. 18, n. 2, 2018.
- CORAZZA, S.M. Pesquisa-ensino: o "hífen" da ligação necessária na formação docente. Araucárias - Revista do Mestrado em Educação. FACIPAL. Palmas, v. 1, n. 1, 2002.
- DALMASO, Alice Copetti . A perspectiva da invenção numa pesquisa em educação: processos e aprendizagens de um pesquisar-inventivo. Revista Digital do LAV , v. 7, p. 5-29, 2014.
- DELEUZE, Gilles. Curso sobre Spinoza – Gilles Deleuze (Vincennes, 1978-1981). Tradução: Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa De Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. Editora Universidade Estadual do Ceará, 3ª Edição, 2019. Disponível em: <http://clinicand.com/cursos-sobre-spinoza-gilles-deleuze-vincennes-1978-1981-pdf-em-portuguesonline/>. Acesso em: 02 março. 2021.
- DELEUZE, Gilles. Espinosa – Filosofia prática. Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI. Félix. O que é filosofia. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI. Félix. Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2000.

ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, mai./ago. 2005.

GALLO, Silvio. Em torno de uma Educação Menor. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 27 n. 2, p. 169-178, jul./dez. 2002.

_____. Live on-line: *Educar em tempos de pandemia*. Projeto Agenciamentos Contemporâneos dentro do Laboratório de Filosofia, Ciências Humanas e Outros Sistemas de Pensamento, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=n6-nGmpfn2U>>. Acesso em 3 de maio de 2020.

GARLET, Francieli Reginat; CARDONETTI, Vivien Kelling; MOSSI, Cristian Poletti; DE OLIVEIRA, Marilda Oliveira. Revista da FUNDARTE. Montenegro, p.01-19, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index>>. Acesso em: 23/08/2021.

GORMLEY, Antony. Esculturas (1950-atual). Disponível em: <https://antonygormley.com/sculpture/chronology>. Acesso em: 2 de outubro de 2019.

HERMANN, Nadja. Ética e estética: a relação quase esquecida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015.

KASTRUP, Virgínia. A invenção de si e do mundo. Campinas: Papirus, 1999.

_____. Aprendizagem, arte e invenção. In: LINS, D. (Org.). Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2001.

_____. Educação e invenção em tempos de incerteza. In: VOLZ, Jochen; PRATES, Valquíria (orgs.). Incerteza viva: processos artísticos e pedagógicos – 32ª Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016, p. 1-5.

_____. Flutuações da atenção no processo de criação. In: LECERF, Eric; BORBA, Siomara e KOHAN, Walter (Org.). Imagens da imanência – escritos em memória de H. Bergson. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 59-71

KNEIPP, Carolina Goulart; MOSSI, Cristian Poletti. Entre o estranhamento e à espreita: um inventário de ideias para ensaiar criação em educação. Revista Digital do LAV, Santa Maria: UFSM, v. 12, n. 1, p. 4-17, jan./abr. 2019.

LAPOUJADE, David. As existências mínimas. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LATOUR, B. Capítulo 1 Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. IN: Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência. Porto: Afrontamento, 2008.

Lazzarotto, Gislei Domingas Romanzini; Carvalho, Julia Dutra de. AFETAR. In: Tania Mara Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento, Cleci Maraschin (Org.). Pesquisar na diferença: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LEMINSKI, Paulo. Toda Poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LEPECKI, André. Planos de Composição. In: Cartografia Rumos Itaú Cultural Dança 2009-2010 (orgs.) Christine Greiner, Cristina Espírito Santo e Sonia Sobral. São Paulo: Itaú Cultural. p.13-20. 2012.

LINS, Osman. Retábulo de santa Joana Carolina. In: Melhores contos de Osman Lins. Seleção de Sandra Nitrini. São Paulo: Global, 2003.

MOSSI, Cristian Poletti, OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Variações em torno das pesquisas em educação e arte com imagens. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, v.36, n.72, 2018, p.115-131.

MOSSI, Cristian Poletti. Povoamentos e resistências entre docência e criação no ensino das artes. *Belo Horizonte: Educação em revista*, v.36, e219274, Ago/2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982020000100238&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 de setembro de 2020.

OBREGÓN, Javier Sáenz. La escuela como dispositivo estético. In: FRIGERIO, Graciela; DIKER, Gabriela. *Educar: (sobre)impressiones Estéticas*. Buenos Aires: Del Estante Editorial, 2007.

PELBART, Peter Pál. Poderíamos partir de Espinosa... Afuera. *Estudios de crítica cultural*. Año II, nº3, noviembre de 2007. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Jk8Y9SLodlDhK4BZPTVjkeTBIMpEGaj/view?usp=sharing>. Acesso: 09/04/2021.

SILVA, Renata Ferreira da. Por um modo de vida alegre. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, v.35, n.70, p.147-157, 2017. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/606/414>. Acesso em: 20/03/2021.

SILVA, Rodrigo Lages. A ficção: uma aposta ético-política para as ciências. In: *Fractal, Revista de Psicologia*, v.26 - n. esp., p. 577-592, 2014.

SPINOZA, B. *Ética*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.